

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

jan-fev de 2014



Exemplar avulso: R\$ 11,96



O denominador comum
na evangelização, p. 13

Nas pegadas
do Mestre, p. 28



Evangelismo para hoje

Como tornar o evangelho atraente para a nova geração



Chamados para amar

Certa vez, ao discursar para líderes do partido comunista, Karl Marx disse: “O propósito da filosofia é interpretar o mundo. O propósito do comunismo é transformar o mundo.” O comunismo falhou em sua missão, porém, compete ao cristianismo mudar radicalmente o mundo, pelo poder divino. Deus usa Sua igreja para cumprir essa tarefa. Ela é a arena da graça divina. É formada por um grupo de cristãos transformados, que deve se dedicar à missão confiada por Cristo. Mas, de que maneira Jesus deseja que a realizemos?

Depois de terem aprendido com Jesus durante algum tempo, os doze apóstolos foram enviados para evangelizar cidades e povoados. Deviam cuidar dos perdidos como o pastor cuida de seu rebanho. Mateus menciona que Jesus teve compaixão das pessoas, “porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor” (Mt 9:36).

Assim, os discípulos deviam colocar em prática as instruções do Mestre – a grande comissão, conforme relatada por Lucas (10:1-11): “Vão imediatamente, levem somente o necessário; não se preocupem com alimento, roupa nem qualquer outra coisa. Deixem isso aos cuidados de Deus. Preguem que o Reino de Deus está próximo; curem, ensinem, amem as pessoas.”

Não temos uma descrição minuciosa do relato apresentado pelos doze, ao voltarem da missão. Entretanto, encontramos esses detalhes no relatório apresentado pelos setenta. A Bíblia diz que eles voltaram alegres e disseram a Jesus: “Senhor, pelo Teu nome, até os demônios se nos sujeitam” (Lc 10:17).

O amor pelos perdidos deve nos motivar a cumprir a missão. Como pregadores, olhamos os pecadores apenas de duas maneiras: como escória da Terra, ou como objetos do amor de Deus. Isso se refletirá em nossa atitude para com eles.

Duas meninas gêmeas nasceram prematuramente. Os médicos achavam que elas não sobreviveriam, embora

uma delas tivesse maior chance que a outra. Na noite em que imaginaram que a criança de menor chance de sobrevivência morreria, uma das enfermeiras a colocou na incubadora com a irmã. Ao sentir a proximidade da que estava em situação crítica, essa irmã a envolveu com seus bracinhos e assim ficou durante toda a noite, apesar de estar presa a aparelhos. Os médicos ficaram admirados ao ver quão esperta e responsiva a pequena debilitada havia se tornado. Desde então, cresceu e ganhou peso. Ambas sobreviveram. Um “abraço fraternal” fez a diferença. O mundo espera que nós, apóstolos modernos, demonstremos paixão e compaixão pelos desenganados e perdidos.

Missiólogos têm manifestado admiração com o crescimento da Igreja Adventista. Contudo, embora nos regozijemos com o que temos realizado, não nos esqueçamos

de que fomos chamados para ver o mundo como Deus o vê – com seus necessitados. Nossa eficiência como pastores dependerá disso. A tarefa de evangelizar o mundo é iniciativa divina; não humana. A morte redentora de Jesus e a certeza de que a salvação somente é possível por meio dEle fundamentam a missão da igreja. Precisamos nos lembrar

de que cada pessoa tem valor incalculável diante do Pai celestial.

Em geral, o cristianismo não tem dedicado suficiente atenção à busca que a geração contemporânea empreende pelo significado da vida. Porém, a mensagem adventista pode preencher esse vazio existencial, pois cremos em um Deus amoroso que controla a história humana, atua nessa história e está perto de cada um de nós.

Finalmente, precisamos estar convencidos de que o sucesso da missão de transformar o mundo depende exclusivamente do poder do Espírito Santo. “Quando Ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16:8). Revestidos por esse poder, os primeiros seguidores de Jesus ficaram conhecidos como aqueles que “têm transtornado o mundo” (At 17:6). Na verdade, eles o transformaram! ▀

“O mundo espera que demonstremos paixão e compaixão pelos desamparados e perdidos”

Editor:

Zinaldo A. Santos

Editor Associado:

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria:

Lenice F. Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Projeto Gráfico:

Marcos Santos

Fotos:

Capa - Montagem sobre imagens de @

Denis_pc | Fotolia e Rogério Chimelo

Editor - Daniel Oliveira

Autores - cortesia e Ministry

Colaboradores Especiais:

Carlos Hein; Rafael Rossi;

Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores:

Antônio Moreira; Bolívar Alaña; Carlos

Sanchez; Daniel Marin; Edilson Valiante;

Eliézer Júnior; Eufrazio Quispé; Geovane

Souza; Horácio Cayrus; Jair Garcia

Góis; Jeú Caetano; Jim Galvão; Leonino

Santiago; Salomón Arana.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaeministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 58,10

Exemplar Avulso: R\$ 11,96



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.



Como lançar a rede

Entre muitos aspectos singularmente admiráveis da vida e do ministério do apóstolo Paulo, está sua maestria na contextualização dos métodos para evangelizar em todas as situações. Em certa ocasião ele disse: “Embora seja livre de todos, fiz-me escravo de todos, para ganhar o maior número possível de pessoas. Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da Lei, tornei-me como se estivesse sujeito à Lei (embora eu mesmo não esteja debaixo da Lei), a fim de ganhar os que estão debaixo da Lei. Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei (embora não esteja livre da lei de Deus, e sim sob a lei de Cristo), a fim de ganhar os que não têm a lei. Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns. Faço tudo isso por causa do evangelho, para ser coparticipante dele” (1Co 9:19-23).

Em Atenas, argumentando a partir da religiosidade distorcida dos gregos, ele emudeceu os intelectuais locais, reunidos no Areópago, quando lhes apresentou o verdadeiro Deus: “Atenienses! Vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos, pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO. Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio” (At 17:23, 23).

Também não podemos nos esquecer do Mestre por excelência na estratégia para alcançar pessoas: Jesus Cristo. Com Suas ilustrações, Ele sabia como chegar ao coração de intelectuais e indoutos, agricultores, pescadores, donas de casa, crianças, jovens e adultos.

Depois de uma noite de pescaria frustrada, no alvorecer do dia, um grupo de discípulos foi surpreendido pela presença dEle na praia. “Ele lhes perguntou: ‘Filhos, vocês têm algo para comer?’ Eles responderam que não. Ele disse: ‘Lancem a rede do lado direito do barco e vocês encontrarão’. Eles a lançaram, e não conseguiam recolher a rede, tal era a quantidade de peixes” (Jo 21:5, 6). É preciso saber dEle onde e como lançar a rede do evangelismo. “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito à tarefa de se aproximar do povo. O Salvador Se misturava com as pessoas como alguém que lhes desejava o bem. Ele compadecia-Se delas, atendia-lhes às necessidades e ganhava-lhes a confiança. Ordenava, então: ‘Sigam-Me’.” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143).

É importante destacar que misturar-Se com o povo não era tudo. Era apenas uma estratégia com o propósito de atrair as pessoas. Devemos ter isso em mente, neste ano do “Evangelismo da Amizade”, quando temos a oportunidade áurea de, por preceito e exemplo, inspirar e motivar os membros da igreja a encaminhar amigos ao Salvador. ▀

Zinaldo A. Santos

8 MANTENHA O FOCO

10 RELACIONAMENTOS QUE SALVAM

13 O DENOMINADOR COMUM DA EVANGELIZAÇÃO

16 EVANGELISMO PARA HOJE

20 ALIADOS DO PASTOR

22 ENSINANDO TODAS AS COISAS

24 IGREJA SERVIDORA



Foto: © Les Cunliffe | Fotolia

28 NAS PEGADAS DO MESTRE

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

31 MURAL

33 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO
A CORAÇÃO

“Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns. Faço tudo isso por causa do evangelho, para ser coparticipante dele.” –

Paulo

Além da amizade



Foto: Cortesia do entrevistado

“Para evitar o problema de ‘muitos, mas despreparados’, devemos enfatizar a mensagem. O relacionamento pode reforçá-la, mas nunca substituí-la”

por Zinaldo A. Santos

Nascido no estado de Minas Gerais, onde iniciou sua carreira pastoral em 1986, o pastor Emílio Dutra Abdala graduou-se em Teologia no Seminário do Centro Universitário Adventista de São Paulo, onde também obteve o mestrado no ano 2000. Pastoreou igrejas, foi evangelista, e também lecionou na Faculdade Adventista de Teologia do Iaene, em Cachoeira, BA. É doutor em Ministério, pela Universidade Andrews, e atualmente trabalha como evangelista e coordenador de Missão Global na União Central Brasileira. Além dessa atividade, é professor na Faculdade de Teologia do Unasp, Engenheiro Coelho, SP, onde coordena com os estudantes um projeto de plantio de igrejas.

Autor de vários livros sobre evangelismo, o pastor Abdala é casado com a enfermeira Gina, conluente de

um doutorado na área de saúde, na Universidade de São Paulo, USP, onde também estudam os filhos Samuel e Sammila. A propósito do programa de trabalho da Divisão Sul-Americana, para 2014, ele deu a seguinte entrevista:

Ministério: *Quais são os maiores desafios que o evangelista encontra hoje, e como é possível superá-los?*

Abdala: Talvez o maior desafio seja lidar com a falta de paixão dos membros da igreja para com os perdidos. Mas existem outras barreiras que dificultam a aceitação do evangelho por parte das pessoas, entre as quais o preconceito para com o nome da denominação. Como disse um erudito, as pessoas gostariam de se tornar cristãs sem cruzar barreiras raciais, linguísticas ou de classe. Isso significa que a chave para o evangelismo mais eficaz é a construção de pontes sobre

essas barreiras. Isso não significa diluir o conteúdo da mensagem. Assim, devemos nos esforçar para remover as cercas que nos separam daqueles aos quais procuramos alcançar, sem alterar a mensagem da salvação em Cristo. Agora, pode ser que a igreja chegue à conclusão de que os muros são muitos e demasiadamente altos para ser removidos. Então, talvez a melhor forma de alcançar pessoas seja o estabelecimento de igrejas culturalmente identificadas com o grupo que se pretende alcançar. Isso não significa segregar, mas agir dentro da constatação de que uma igreja, por exemplo, de língua espanhola será mais eficaz para alcançar os hispanos do que uma igreja de língua portuguesa.

Ministério: *Quais são as objeções mais comuns à mudança de métodos, e o que é possível fazer para neutralizá-las?*

Abdala: As pessoas resistem às mudanças por diversas razões. Coisas familiares nos fazem sentir mais seguros. Muitas pessoas se sentem perturbadas quando sua rotina é interrompida. Em certo sentido, muitas igrejas são prisioneiras do próprio sucesso. Normalmente, essas igrejas continuam a usar os mesmos métodos das décadas de 50 ou 60. Afinal, eles funcionaram bem, por que não continuar usando? Alguns resistem às mudanças porque as veem como ameaça à tradição. Igrejas mais antigas e igrejas rurais são mais propensas a isso do que as novas. Outras igrejas resistem às mudanças porque não se preocupam com os perdidos. Preocupam-se mais em manter o *status quo* do que em evangelizar. Finalmente, pessoas resistentes a mudanças acreditam que o que antes era verdade no campo da metodologia continua sendo verdade. Penso que a maneira de neutralizar resistências é apresentar as ideias de maneira lógica. Comece falando da missão da igreja. Discuta as metas que cumprirão o propósito da igreja. Explique as mudanças necessárias para alcançá-las. Demonstre que as mudanças são apenas um meio para um fim desejável. Quanto tempo vai durar? Quanto vai custar? Quem vai fazer isso? Se você não puder responder a essas perguntas, seu plano parecerá inconsistente.

Ministério: *É apropriado recorrer a técnicas seculares para aplicá-las ao crescimento da igreja?*

Abdala: Pessoalmente, não tenho dificuldade em usar a ciência a serviço da missão, principalmente se não ferir princípios bíblicos. Creio que todo conhecimento para o bem se origina em Deus. Muitos missionários foram grandemente ajudados pela antropologia, arqueologia e linguística, na tradução da Bíblia para algumas regiões. No campo da sociologia, ninguém discute o valor da pesquisa e da análise de pessoas ou comunidades que se deseja alcançar.

A psicologia pode ajudar os pastores no processo de aconselhamento, e os evangelistas a entender o processo da decisão ou como lidar com disfunções mentais, como depressão e estresse. Todos nós recorreremos à tecnologia para o uso de melhores equipamentos para a comunicação do evangelho, do uso da internet ou de *softwares* que facilitam a secretaria e tesouraria da igreja. Então, não vejo problemas em recorrer às ciências. Mas, acima de tudo, destaco a frase de E. M. Bounds: “A igreja procura melhores métodos, Deus procura melhores homens.”

“A chave para o evangelismo eficaz é a construção de pontes sobre as barreiras. Isso não significa diluir o conteúdo da mensagem”

Ministério: *Neste ano, a Divisão Sul-Americana enfatizará o evangelismo da amizade. Esse é o “método do momento”?*

Abdala: Desde o início de 1980, vários livros foram escritos e programas missionários foram desenvolvidos em torno do conceito básico da amizade. Há um reconhecimento de que a maioria das pessoas vem para a igreja por meio da família, dos colegas de trabalho e dos laços de amizade. A rede social entre crentes e não crentes, especialmente entre recém-convertidos e seus amigos, proporciona o que Donald McGavran chamou de “pontes de Deus”. A palavra grega *oikos*, que significa família ou um sistema social, aparece nas Escrituras em vários textos relacionados com a evangelização. Os defensores desse método citam muitos benefícios para a utilização da abordagem do estilo de vida. Primeiramente, ele faz uso da avenida mais natural para a propagação do evangelho. A proximidade

emocional e física dos incrédulos íntimos oferece amplas oportunidades para testemunhar. Além disso, eles observam que há maior possibilidade de assimilação na igreja, ao longo de um período de tempo.

Ministério: *Existem pesquisas indicando maior força da amizade do que a da abordagem doutrinária na adesão e permanência das pessoas na igreja.*

Abdala: Win Arn provavelmente tenha sido o primeiro a divulgar sua pesquisa com novos membros. Ele revelou que aproximadamente 70% dos novos conversos aceitam Cristo por causa de amigos ou familiares. Fiz a mesma pesquisa em duas cidades do nordeste brasileiro, Teresina e Salvador, com resultados semelhantes. Em outra pesquisa que avalia o processo de decisão, o Dr. Flavil Yeakley, estatístico e pesquisador do crescimento da igreja, relata um interessante estudo que identificou três grupos (cada um com 240 pessoas) de “conversos” de uma apresentação evangelística: aqueles que tomaram uma decisão e estão ativamente envolvidos na igreja local, os que decidiram, mas logo desistiram e os que rejeitaram a mensagem. De acordo com ele, 75% dos que agora são membros ativos foram a Cristo e à igreja como resultado de alguém que via o evangelismo como um diálogo não manipulativo. Ou seja, foram conquistados por alguém que fez perguntas, demonstrou interesse por eles e se tornou amigo. Por outro lado, 87% dos que decidiram, mas logo desistiram consistiam de pessoas que chegaram à decisão por meio de um membro ou evangelista que usou o monólogo manipulador, isto é, alguém que tentou agarrá-los pressionando-os para dentro da igreja. O terceiro grupo consistia de pessoas que não tomaram decisão. Yeakley descobriu que 84% dessas pessoas entraram em contato com alguém que usou o método da transmissão de informação, ou seja, simplesmente compartilhou certos fatos,

conteúdos e teologia do modo “pegar ou largar”; “se você aceitar esta exata mensagem, vai para o Céu; se não aceitar, vai se perder”.

Ministério: *Não existe o risco de se priorizar o evangelismo da amizade em detrimento do preparo doutrinário consistente do candidato a membro da igreja?*

Abdala: Sim, existe o risco de o evangelismo da amizade se tornar em muita amizade e pouco evangelismo. É possível permitir que o fator amizade substitua uma apresentação clara das exigências do evangelho. Apesar de ter valor inestimável, um bom testemunho jamais pode tomar o lugar do preparo doutrinário consistente, no processo de salvação. Indiscutivelmente, o evangelismo da amizade tem pontos fortíssimos em seu favor, mas o Novo Testamento parece ter uma abordagem mais abrangente para a evangelização, inclusive tomando a iniciativa de compartilhar a mensagem do evangelho com pessoas com as quais os discípulos não tiveram nenhum contato prévio. Então, podemos ser tentados a negligenciar pessoas estranhas ou desconhecidas, que precisam do evangelho, e investir exclusivamente em amigos próximos. O cristão não tem o direito de limitar a um círculo seleto a obediência à grande comissão. Ao mesmo tempo, deve estar ciente da responsabilidade de compartilhar o evangelho com os amigos. Para evitar o desequilíbrio, o evangelismo da amizade deve ser intencional. Devemos aproveitar as relações existentes para testemunhar, mas devemos ser mais abrangentes, indo além delas e incluir quaisquer pessoas com quem possamos entrar em contato. Para evitar o problema de “muitos, mas despreparados”, devemos enfatizar a mensagem. O relacionamento pode reforçar a mensagem, mas nunca substituí-la.

Ministério: *Nesse contexto de mudanças de métodos, ainda há lugar para o evangelismo público tradicional?*

Abdala: A apresentação do evangelho para um grupo de pessoas tem durado como método atemporal, ordenado por Deus nas Escrituras e tem sido usado com sucesso ao longo da História. Os evangelistas do Novo Testamento eram primariamente plantadores de igrejas. Ouso afirmar que a maioria de nossas igrejas foi plantada pelo evangelismo público. Em muitos aspectos, o evangelista de hoje se assemelha ao apóstolo bíblico. Para alcançar pessoas sem Cristo, o evangelista tem que ir a elas, em vez de esperar que venham a ele. A evangelização precisa estar centrada na comunidade, em vez de na igreja. Alcançar pessoas onde elas estão, em “território neutro”, deve ser o foco central de nossa estratégia. Alguns especialistas em crescimento de igreja afirmam que o evangelismo é mais eficaz quando acontece na igreja. Minha discordância dessa filosofia se fundamenta nos exemplos do Senhor Jesus Cristo e do apóstolo Paulo. É preciso ter cuidado com a tendência moderna de tornar o evangelista um reavivalista itinerante da igreja local, o que acontece no evangelicalismo. Devemos encontrar e ganhar as pessoas onde elas estão (no mundo), e não esperar que elas venham a uma reunião da igreja. Por isso, esse trabalho de evangelizar e plantar igrejas merece as orações e o apoio de todos os membros do corpo de Cristo.

Ministério: *Que orientações práticas o senhor tem a fim de que pastores e membros façam o evangelismo da amizade, da maneira mais efetiva possível?*

Abdala: Logo no início do ano, um seminário sobre o evangelismo da amizade deve ser realizado com os membros. Durante esse seminário, eles devem ser ajudados a desenvolver um plano que os oriente a identificar os amigos que desejam conquistar para Cristo e, em seguida, organizar uma lista com o nome deles. Então, peça-lhes que orem pedindo sabedoria e discernimento, e para

que Deus crie circunstâncias que os possibilitem a atrair esses amigos para Jesus. Eles devem estar atentos às necessidades das pessoas, pois essa será a porta de acesso ao coração delas. O passo seguinte é estabelecer relacionamentos intencionais com as pessoas. Um modo de fazê-lo é criar pontos de contato valendo-se de hobbies ou interesses comuns,

“Apesar de ter valor inestimável, um bom testemunho jamais pode tomar o lugar do preparo doutrinário consistente, no processo da salvação”

como jardinagem, esportes, costura, livros, culinária e outros. Nesse estágio eles podem estender aos amigos um convite para uma refeição. Até aqui, ainda não é tempo de falar sobre religião, mas podem demonstrá-la por meio de atitudes corteses e bondosas. Enquanto continuam a orar, devem ficar atentos a ocasiões propícias (casamento, nascimento de um filho, perda do trabalho, crise familiar, estresse, morte de alguém, por exemplo) para mostrar o amor de Cristo. Nesse caso, é importante emprestar livros cristãos que sejam efetivos no evangelismo. Com sensibilidade às preferências e pontos de vista da pessoa, esse é o momento de escolher e utilizar, com muito tato, um meio de colheita mais apropriado para ela. Esse meio pode ser um jantar evangelístico, estudos bíblicos no lar, um vídeo cristão, uma série de conferências ou eventos especiais na igreja. Depois da decisão o novo cristão deve ser ajudado a crescer em maturidade e a assumir o compromisso do discipulado. O instrutor deve integrá-lo e acompanhá-lo em atividades como pequenos grupos, treinamentos e cultos da igreja. ■



Mantenha o foco

Líder da igreja da América do Sul apresenta o projeto missionário para 2014

Um dos grandes desafios de nosso dia a dia é não perder de vista o foco do ministério. São muitos compromissos e interesses, muitas cobranças, prioridades e carências competindo com o que é realmente essencial, que corremos o risco de escolher apenas o que nos empolga ou interessa, deixando de lado a essência da nossa vocação.

Tenho avaliado alguns dos riscos que corremos e que podem enfraquecer ou anular nossa conscientização missionária. São atitudes que acabam comprometendo o ministério

e destruindo a vocação. Aqui estão alguns desses riscos:

Distração: O risco de perder o rumo e ficar distraídos com outras atividades interessantes e atraentes, mas não essenciais.

Secularização: O risco de abrir portas ao secularismo, tentando ser agradáveis, contemporâneos, ou ser vistos como tendo “mente aberta”.

Acomodação: O risco de pensar em agradar a nós mesmos e aos amigos, fazendo disso um fim em si mesmo.

Divisão: O risco de não pensar na igreja como um todo, mas tomar par-

tido e seguir atitudes independentes e pessoais.

Materialização: O risco de avaliar a igreja pelo lucro, dinheiro, patrimônio, ou seja, apenas pelos ganhos e perdas materiais.

Artificialização: O risco de falar uma coisa e fazer outra, vivendo artificialmente e falsamente, tendo apenas aparência de santidade.

Superficialização: O risco de buscar conhecimento profissional sem profundidade espiritual. Risco de sermos homens capazes, mas não homens de Deus; de termos capa de super-homens, mas não o manto de pastor.



Prioridade inconfundível

Diante desses desafios, precisamos trabalhar com oração, mas, ao mesmo tempo, de forma clara e disciplinada para alcançar os objetivos de Deus para Sua igreja. Porém, como definir o que realmente é prioridade, em meio a tantos interesses e promoções? A resposta é simples: centralizando-nos na missão, que é clara e indiscutível: “preparar um povo para o encontro com o Senhor.” Isso envolve cuidar dos que já estão dentro e redobrar os esforços para alcançar aqueles que ainda estão fora.

No coração dessa missão está o discipulado. Como igreja, temos envidado todos os esforços para demonstrar que o caminho para termos uma igreja mais saudável, profunda e frutífera é este: comunhão, relacionamento e missão. À medida que levamos cada membro a experimentá-los, mantemo-nos no rumo certo e cumprimos plenamente nossa missão. Com a ênfase na comunhão, aprofundamos os que já estão no redil. Enfatizando o relacionamento, integramos os de dentro e os de fora. Realçando a missão, alcançamos os que ainda não foram atraídos para Cristo. Permanentemente, devemos lembrar que essa é nossa prioridade absoluta. Temos de direcionar tempo, recursos, projetos, programas, promoções e os melhores talentos para o cumprimento da missão. Afinal, como disse alguém, “a igreja não é um clube de iates, mas uma frota de barcos de pesca”.

Tendo como base essa visão de discipulado, preparamos o projeto de ação da igreja na América do Sul em 2014. Para que ele se torne realidade, precisamos continuar avançando unidos, o que não significa uniformidade. Afinal, temos uma base de ação, mas uma variedade de iniciativas e criatividade na execução, sempre com um tempero e identidade locais.

Por outro lado, precisamos trabalhar fortemente com o planejamento da igreja local. Se o discipulado, com suas três ênfases, é nossa prioridade, cada atividade necessita ser preparada a fim de apoiá-lo. Não pode-

mos ficar multiplicando programas que agradem os sentidos, mas não tornam real o discipulado. O planejamento da igreja deve ser construído sobre seus três princípios, e cada atividade deve ser preparada com o objetivo de aprofundar sua experiência. Se não fizermos isso, estaremos demonstrando que temos três palavras bonitas que, na prática, não se transformam em realidade.

Tendo isso em mente, vamos continuar clamando pelo poder do Espírito Santo e atuando de maneira ousada no cumprimento de nossa missão; pois “há perante nós possibilidades que nossa débil fé não discerne” (Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 333).

Estratégia básica

Em 2014, nossa meta é compartilhar “A única esperança” que está em Cristo Jesus. A principal estratégia é o evangelismo da amizade, que é mais eficiente, alcança maior número de pessoas, produz maior resultado e aprimora a conservação. Dentro desse projeto, a atividade principal será o dia dos “Amigos da esperança”, sábado 12 de abril.

Eis a estratégia a ser seguida:

- Motivar cada adventista a convidar à igreja um familiar, amigo, colega de trabalho ou escola, ex-adventista ou alguém cujo interesse tenha sido despertado pela TV Novo Tempo. Nesse dia, devemos ter um programa especial na igreja e, depois, o convidado será recebido para uma refeição na casa do adventista.

- Apresentar um DVD especial, criando uma ponte para o testemunho pessoal e convite ao evangelismo da Semana Santa, que começará nas casas, em pequenos grupos, e será concluído na igreja.

- Continuar acompanhando os amigos, estudar a Bíblia com eles e levá-los à decisão pelo batismo.

Todo o programa está construído sobre a visão do discipulado. Assim sendo, devemos trabalhar para fortalecer essa visão, não apenas neste programa básico, mas também no planejamento da igreja local. Não podemos

dispersar energias com uma série de ações desconectadas, nem agir de forma independente. Agindo assim, por melhores que sejam as iniciativas, elas não causarão impacto, pois serão pequenas, diante do tamanho de nosso desafio. Por isso, precisamos trabalhar unidos em propósito, integrando a igreja em cada uma destas iniciativas:

Comunhão: *Cada discípulo dedicando ao Senhor a primeira hora de cada dia.* Ênfase nos dez dias de oração, de 13 a 22 de fevereiro, concluindo com dez horas de jejum e oração, na igreja, no dia 22.

Relacionamento: *Cada membro da igreja participando em um pequeno grupo.* Ênfase na multiplicação dos pequenos grupos e protótipos. O grande dia da multiplicação será 19 de agosto. Cada igreja pode fazer uma cerimônia especial, para celebrar o nascimento dos novos pequenos grupos.

Missão: *Cada adventista levando pelo menos uma pessoa a Jesus.*

- Dia dos amigos da esperança – 12/04 e 13-20/04.

- Distribuição do livro *A Única Esperança*, no dia 31 de maio. A distribuição deve ser integrada ao impacto de ações da comunidade.

- Dois batismos especiais, como resultado da atuação das frentes missionárias: Batismo das Primícias – 19 e 20/04; Batismo da Primavera – 27 e 28/09. Todas as pessoas batizadas nessas ocasiões e nos demais batismos devem ser envolvidas imediatamente no Ciclo do Discipulado.

- Evangelismo de colheita, envolvendo todos os pastores do território da DSA. Cada pastor realizará uma campanha de colheita em seu distrito e os demais pastores (administradores, departamentais, capelães, redatores, professores, apresentadores de rádio e TV), realizarão uma campanha em alguma igreja, próximo ao seu local de trabalho. No Brasil, 22-29/11.

Trabalhemos unidos e comprometidos, para que essa iniciativa integrada de discipulado e evangelismo seja um grande passo dado no cumprimento da nossa missão! ▀



Professor no Centro
Universitário Adventista
de São Paulo, Engenheiro
Coelho, São Paulo

Relacionamentos que salvam

A qualidade da comunhão, amor e amizade existentes na congregação diz muito sobre a saúde espiritual da igreja

O modelo de discipulado desenvolvido por Jesus não era absolutamente inédito. Filósofos gregos já o praticavam com muito sucesso. Platão (428 a.C.-348 a.C.), considerado o maior filósofo da antiguidade, parece ter sido o mais dedicado e também o mais ardoroso discípulo de Sócrates, e principal divulgador de suas ideias.¹

“Ao longo de todo o período greco-romano, várias figuras filosóficas e religiosas reuniram ao seu redor pessoas que poderiam ser classificadas como seguidores, partidários, estudantes ou discípulos. Tais públicos receptivos sorviam e cultivavam os ensinamentos de seu líder, iniciando assim a formação de várias tradições intelectuais ou religiosas, que eram então transmitidas de geração em geração.”² Algumas dessas “escolas”

atravessaram séculos e ainda são reconhecidas hoje: pitagóricos, platonianos, aristotélicos, epicuristas, estoicos, escola de Qumran, casa de Hilel, escola de Filon.³ Condições socioeconômicas, culturais, intelectuais e mesmo políticas faziam o lastro desse modelo filosófico-pedagógico de ensino relacional.

Ao estudar essas escolas do período greco-romano, R. Alan Culpepper identificou algumas características, entre as quais duas soam muito peculiares ao cristianismo. Primeira característica: ênfase na amizade e no companheirismo. Segunda, a prática de tomar refeições juntos.⁴ Tratando dessas características, Keith Philip destacou o seguinte: “Jesus usou relacionamento semelhante com os homens que Ele treinou para difundir o reino de Deus. Seus discípulos estive-

ram com Ele dia e noite, durante três anos, ouviam Seus sermões e memorizavam Seus ensinamentos. Viram-no viver a vida que Ele ensinava.”⁵

Fundamento das relações cristãs

Entretanto, havia algo diferente, peculiar, pessoal, relacional, no método de Cristo. O discipulado de Jesus não estava fundamentado na disciplina, na filosofia, nem no tecnicismo. Alicerçava-se no amor. Na verdade, e para ser mais específico, estava fundamentado numa grande amizade entre Ele e os discípulos, aos quais chamou de “amigos” (Jo 15:15). A amizade entre Cristo e Seus discípulos tinha como fundamento o conhecimento da verdade (Jo 15:16), o amor entre eles (Jo 15:17), a comunhão com o Pai, o Filho (Jo 17:21) e, evidentemente, o Espírito Santo (1Co 12:13).

Relacionamentos horizontais – entre pessoas – dependem muito do relacionamento vertical – entre pessoas e Deus. Essa relação entre pessoas e Deus é não somente oportuna, mas também necessária. Haddon Robinson criou uma máxima ao dizer que “é mais difícil construir pontes do que paredes. Mas isso não altera uma realidade: os não cristãos são atraídos pelos cristãos e depois por Cristo”.⁶

“A qualidade da comunhão, amor e amizade existentes na congregação diz muito sobre a saúde espiritual da igreja. Quando a igreja é fria e carente de uma comunhão efetiva, ela não pode experimentar crescimento real. Jesus afirmou: ‘Com isso todos saberão que vocês são Meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros’ (Jo 13:35).”⁷

A pedagogia do Espírito

É oportuno lembrar que a palavra “pedagogia”, tão fundamental nas relações pessoais do discipulado, teve origem na Grécia clássica, sendo composta de duas outras palavras gregas: *paidós* (criança) e *agogé* (condução). O termo “pedagogo”, como é evidente, surgiu naquele período de efervescência intelectual, da palavra *paidagogós*, cujo significado é preceptor, mestre, guia, aquele que conduz. Essa era a palavra que identificava o escravo que conduzia os meninos até o *paedagogium*, local de ensino.

Como parece claro, a relação vertical-pessoal é fundamental para desenvolver as relações pessoais-horizontais, que derivam da primeira. Pois, se de um lado somos o *paidagogós* no papel de fazer discípulos, por outro, o Espírito Santo é nosso *Paidagogós* em Seu papel de nos tornar discípulos. Ele é nosso Mestre e guia. Jesus garantiu: “O Conselheiro, o Espírito Santo ... lhes ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo o que Eu lhes disse” (Jo 14:26).

Nesse texto, João utilizou pelo menos duas palavras pedagógicas: “ensinar” (*didaxei*) e lembrar (*hupomnesei*). Outra palavra bem pró-

xima a *hupomnesei* é *hupomone*, que significa paciência ou perseverança, usada num contexto escatológico, em Apocalipse 14:12. Observe que o Espírito Santo trabalha conosco com os mesmos verbos com que trabalhamos com nossos alunos ou discípulos: lembrar, ensinar, perseverar.

O apóstolo Paulo destacou que o Espírito de Deus “testifica com o nosso espírito (Rm 8:16). Portanto, se acreditarmos, se permitirmos, nossa relação com o Espírito Santo será muito próxima e muito real. O papel do Espírito Santo, também chamado de “Ensinador de justiça” (versão King James), é muito responsável no propósito de nos levar à comunhão mais profunda com Deus.

“O Espírito Santo é um divino professor. Se prestarmos atenção às Suas lições, nos tornaremos sábios para a salvação... Prestem atenção aos ensinamentos do Espírito Santo. Caso isso seja feito, eles serão constantemente repetidos até as impressões estarem como se fossem ‘gravadas na rocha para sempre’.”⁸

O evangelismo não prescinde do relacionamento pessoal, presencial e, finalmente, comunal. Existem hoje várias e excelentes ferramentas não pessoais para iniciar e desenvolver a evangelização. Porém, sua consolidação somente é possível quando se estabelece um relacionamento pessoal. Campanhas de evangelismo que começam no contexto impessoal precisam de cuidados especiais em sua transição para o contexto pessoal, a fim de se evitar perdas e frustrações. É necessário ter atenção especial a esse quesito, principalmente neste mundo pós-moderno em que existe a tendência para relações impessoais, cada vez mais empregadas na evangelização.

Simplicidade versus tecnicismo

Talvez em função de uma vasta pluralidade de recursos e informações disponíveis, os métodos de evangelização podem parecer complicados para os membros da igreja, que são a força-tarefa do evangelis-

mo. A utilização de um tecnicismo exacerbado poderá confundir mais que propriamente orientar a irmandade que, por sua vez, será tentada a ver essa tarefa como trabalho para profissionais.

Especialidade, sofisticação e tecnicismo poderão tomar o lugar da simplicidade do evangelho, conforme anunciado por Jesus Cristo e pelos apóstolos. Sobre essa questão, ao mesmo tempo em que Aldrich declara que “a maioria dos treinamentos evangelísticos envolve ajudar as pessoas a aprender a ‘dizer palavras’ do evangelho”, ele também afirma que “pouca atenção é dispensada para se desenvolver uma filosofia bíblica do ministério que mude a vida coletiva da igreja, de fealdade para beleza”.⁹

Em outras palavras, ele defende que, mesmo sendo importante, tem havido muita ênfase no treinamento, quando deveríamos nos preocupar um pouco mais com a beleza do evangelho e sua divulgação, tornando essa tarefa mais agradável e mais pessoal. É necessário fazer uso de uma linguagem simples, que possa alcançar os membros da igreja. Por exemplo, evitar linguagem teológica e acima da capacidade de compreensão dos membros leigos. O uso desse tipo de linguagem pode deixá-los receosos de responder aos apelos do treinamento.

Muitos podem considerar utópico apresentar o modelo de vida apostólica para uma igreja que vive dois mil anos depois, num estilo pós-moderno de vida. Embora esquecido, esse também pode ser um caminho de liberdade para um mundo doente e dependente de um estilo de vida que não foi escolhido, mas imposto por meios e poderes desconhecidos. Além disso, a grande marca proposta por Jesus aos apóstolos foi o amor fraternal. “Como Eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros” (Jo 13:34).

O contato pessoal, relacional, comunal que deve marcar o testemunho evangelístico precisa estar acompanhado das marcas pessoais

deixadas pelo Espírito Santo na vida de quem testemunha o poder do evangelho. Essas marcas podem se expressar por meio de três características simples: sentimento (o amor exige sentimento, emoção ternura), simpatia (um rosto amável, feliz, sorridente, combina mais com o cristianismo) e sinceridade (a sinceridade cria a possibilidade de todo cristão poder testemunhar).

Comunhão e persuasão

À medida que o tempo passa, o ser humano vai se diluindo em um mar de estatísticas e, aos poucos, vai deixando de ser uma pessoa para ser um número; vai deixando de ser alguém para ser mais um.

Nas igrejas atuais, especialmente nas grandes congregações, esse é um risco calculado. Inúmeros membros flutuam num oceano de cabeças erguidas e olhares distantes, na expectativa de ser vistos como pessoas que precisam de ajuda, como pessoas à procura de alguém que se pareça com Jesus. Entretanto, eles mesmos poderiam fazer muito para melhorar esse quadro, participando de um pequeno grupo. Se um membro pertence a um pequeno grupo, ele não mais está sozinho; também não mais se sentirá sozinho.

À semelhança do antigo Israel (Êx 12:1-4), a igreja cristã primitiva viveu seus melhores momentos de consagração, comunhão e amor fraternos (At 2-4) enquanto experimentou os benefícios dos relacionamentos em pequenos grupos. A antiga estratégia deu resultado e a igreja crescia e se multiplicava não somente em número, mas também em qualidade, sendo “um o coração e a alma dos que criam” (At 4:32). E perseveravam “unânicos... partindo o pão de casa em casa” (At 2:46).

Os conceitos em torno da palavra “persuasão” são amplos, assim como pode ser a importância dessa palavra. Pastores, anciãos e demais líderes da igreja, normalmente, são vistos pela comunidade e por seus amigos como

alguém próximo de Deus, que tem algo a dizer acerca de Jesus Cristo e da salvação. Esses pastores e líderes poderão aproveitar melhor sua condição socioeclesial, com o propósito de, sob a direção do Espírito Santo, persuadir pessoas amigas e da comunidade a aceitar Cristo.

Certo pastor visitou uma igreja na qual era bastante conhecido. Depois do sermão, enquanto despidia os irmãos, encontrou-se com um homem com o qual já havia conversado sobre a salvação. E lhe perguntou: “Você já foi batizado?” Diante da resposta negativa, o pastor prometeu voltar àquela igreja, para batizá-lo. A filha do homem, que ouvia o diálogo, informou que também não era batizada, e o pastor a incluiu em seu apelo. Quase sempre esse “ataque direto” proporciona resultado positivo e até surpreendente.

“O discipulado de Cristo não estava fundamentado na disciplina, na filosofia nem no tecnicismo, mas no amor”

O plano de Deus

Joseph Aldrich relata uma interessante lenda¹⁰ a respeito do retorno de Jesus ao Céu, depois de haver concluído Seu ministério terrestre. De acordo com essa lenda, ao chegar ao Céu, Jesus foi abordado por um anjo:

“Mestre”, disse anjo, “Tu deves ter sofrido terrivelmente na Terra!”

“Sim, de fato”, Cristo teria respondido, e o anjo continuou:

“Sabem eles tudo a respeito do Teu amor por eles e o que fizeste em favor deles?”

“Oh, não!”, disse Jesus, “ainda não. Neste momento, apenas poucas pessoas na Palestina sabem disso.”

O anjo se mostrou perplexo:

“Então, o que fizeste para que todos saibam desse amor?”

“Pedi a Pedro, Tiago, João e a mais alguns amigos que contem às outras pessoas a Meu respeito. Aqueles a quem Minha história for contada dirão a outras pessoas. Assim, a história será espalhada por todo o mundo. Finalmente, toda humanidade saberá a respeito da Minha vida e de tudo o que fiz.”

Demonstrando perplexidade, o anjo retrucou:

“E se Pedro, Tiago e João se cansarem? E se lá no século 21 as pessoas simplesmente não contarem a história a outras? Tens um plano alternativo?”

“Não”, respondeu Jesus, “não tenho outro plano.”

É difícil imaginar que o Céu e todos os seus poderes dependam do ser humano para levar adiante a história da redenção. Isso parece reduzir o poder de Deus e o extraordinário drama do Calvário. Porém, Deus precisa mesmo de cada um dos Seus filhos redimidos. Precisa de pessoas para salvar outras pessoas. Pessoas entendem suas necessidades mútuas e comuns, podem entender as dores, carências, angústias e frustrações de outras pessoas. Por essa razão, deve ser criado um laço de simpatia, em toda oportunidade que o cristão tiver de se relacionar com os semelhantes.

Talvez Deus não tenha ninguém além de você e eu, para salvar aquela pessoa diante da qual Ele nos colocou naquele dia, naquela hora, naquele lugar, naquele encontro...

Referências:

- ¹ Keith Philip, *A Formação de um Discípulo* (São Paulo: Vida, 2001), p. 19.
- ² Julio Fontana, *Revista de Teologia & Cultura*, nº 1, julho-setembro 2055, seção 3, p. 3.
- ³ Wayne A. Meeks, *O Mundo Moral dos Primeiros Cristãos* (São Paulo: Paulus, 1996), p. 35-113.
- ⁴ R. Alan Culpepper, *The Johannine School* (Missoula, MT: Scholars, 1975), p. 258, 259.
- ⁵ Keith Philip, *Ibid.*
- ⁶ Joseph C. Aldrich, *Amizade, a Chave Para a Evangelização* (São Paulo: Vida Nova, 1992), p. 12.
- ⁷ Emílio Abdala, *Diagnose* (Artur Nogueira, SP: União Central Brasileira, 2013), p. 68.
- ⁸ Ellen G. White, *E Recebereis Poder* [MM 1999], p. 164.
- ⁹ Joseph C. Aldrich, *Op. Cit.*, p. 18.
- ¹⁰ Joseph C. Aldrich, *Op. Cit.*, p. 13.



Professor na Faculdade Adventista de Teologia, Cachoeira, BA

O denominador comum da evangelização

A amizade, na Bíblia, e suas implicações missionárias

Amizade é uma atividade que, na maioria dos casos, demora algum tempo para ser consolidada. Os índios Sioux tinham um provérbio relacionado ao processo de conhecer e fazer amizade com alguém: “Devo andar com seus calçados durante alguns dias.” Com o propósito de alcançar pessoas com o evangelho, o cristianismo mescla três elementos indispensáveis no desenvolvimento da amizade: Princípios bíblicos, aplicação diária desses princípios na vida do evangelista e a forma pela qual eles são comunicados às pessoas. A estrutura da salvação é a mesma, contudo, a forma de apresentação pode variar.¹

No idioma hebraico, a palavra “amigo” contém dois termos que expressam conceitos importantes: *rê'eh* – referente a mero associado, vizinho ou colega – e *'āhabh* – que indica afeição natural ou não. Mesmo assim, o Antigo Testamento menciona vá-

rios exemplos de estreita amizade: Abraão, conhecido como “o amigo de Deus” (Is 41:8); a amizade entre Rute e sua sogra Noemi (Rt 1:16-18);² e a amizade entre Davi e Jônatas (1Sm 18:1). Outros versos do Antigo Testamento explicam poeticamente o valor da amizade (Jo 6:14; Pv 15:30; 17:17; 18:24).

No Novo Testamento, são empregadas duas palavras para definir o significado de amigo: *hetairos* – referindo-se a um colega, companheiro – e *filos* – que sugere uma relação mais afetiva. Jesus e Seus discípulos ilustraram o desenvolvimento da amizade com respeito a vários aspectos: o mestre e o discípulo, o senhor e o servo e de um amigo para com outro amigo (Jo 15:13-15). A mesma coisa ocorreu entre Paulo e Timóteo (2Tm 1:1).³ Algumas vezes, os vocábulos amizade e salvação interagem na Bíblia. Vejamos a associação entre essas duas palavras.

Amizade e salvação

Termos hebraicos, tais como *māt-sal*, se harmonizam com a ideia de oferecer amizade para salvar. Essa palavra denota, literalmente, “tirar”, “atrair”, e pode sugerir o resgate ou libertação de uma pessoa (Sl 91:3). Outras palavras hebraicas – *hāyah*, *mâlat* e *pâlat* – indicam salvação, levar a um lugar seguro. Nesse último caso, os anjos visitaram Ló, entraram na casa dele, conversaram com ele e o salvaram (Gn 19:16, 19).

No Novo Testamento, *lytrōo* e alguns termos derivados (*lytron*, *lytrōomai*, *lytrōtes*, *apolytrōsis*) e *rh'yomai*, por exemplo, também apontam para a liberdade e salvação.⁴ Quando o primeiro casal pecou no Éden, Deus continuou “aproximando-Se” dele para lhe mostrar o plano da salvação (Gn 3:8-21). Semelhantemente, a tipologia do santuário descreve como Deus ofereceu Sua proximidade ao povo hebraico. Essa proximidade e

amizade divina, mediante os rituais e cerimônias, interagem com a doutrina da salvação. A ordem de construir um santuário para que Deus habitasse no meio deles assinalava esse propósito (Êx 25:8).

Deus outorgou Sua amizade mediante o ritual do santuário. Apesar disso, a proximidade e a amizade do verdadeiro Deus entre os homens foi desfigurada mediante diversas cosmogonias. Por exemplo, em Ur, os serviços fúnebres da elite e da realeza associados a templos eram acompanhados por sacrifícios humanos para garantir ajuda na viagem do governante depois da morte.⁵ Os sumérios que também paganizaram o conceito da presença e a amizade divinas chegaram inclusive a fazer de seus templos o edifício mais importante nas cidades dessa cultura.⁶

Quando Cristo veio ao mundo, Sua proximidade e amizade revelaram o amor e o plano de salvação para a humanidade. A palavra *shakân* (habitar, morar), de Êxodo 25:8 é correspondida em João 1:14 pelo termo grego *skenôo*, que segue a mesma conotação de *shakân*. O Deus-homem Se Jesus manifestou como a *shekinah* entre os homens para lhes estender Sua amizade e salvação.⁷

Evangelificação e amizade

Em seu livro *Ningún Hombre es una Isla*, Thomas Merton descreve como as necessidades humanas podem ser satisfeitas somente por Deus e os princípios da Bíblia. Merton indica que os seres humanos necessitam de outras pessoas durante a existência.⁸ A amizade é um meio pelo qual o amor de Deus atua no mundo. Como tal, esse vocábulo sugere um instrumento de aproximação cujo objetivo é estreitar genuínos relacionamentos guiados por princípios bíblicos. Continuando com a definição anterior, a influência então se converte em motivação que promove o processo da amizade. Nesse sentido, devemos recordar que a influência de uma mente santificada sobre outra mente é um poder para o bem.⁹

A influência está relacionada com o que é conhecido como “vida satisfatória”, ou seja, como a pessoa percebe sua vida com relação ao passado e sua projeção para o futuro. Cristo declara que veio dar “vida em abundância” (Jo 10:10). Estudos relacionados com a mente indicam a importância de uma atitude positiva e otimista para com a vida.¹⁰ Para o cristão, essas qualidades resultam do conhecimento de Cristo e da comunhão com Ele (2Co 5:17).

Na sociedade atual, muitas pessoas, cansadas do materialismo e do vazio de uma sociedade cada vez mais longe da sensibilidade humana, desejam ter com seus semelhantes uma amizade fundamentada em valores morais e altruístas. É o Espírito Santo quem implanta esse desejo na vida daqueles que buscam a Deus. Esses valores morais e altruístas são conhecidos na Bíblia como o “fruto do Espírito” (Gl 5:21, 22) e devem ser parte da vida diária do cristão. Essa é a influência amistosa para o bem, com a qual as pontes evangelizadoras são construídas.

Objecções confrontadas

Ao se referir ao evangelismo no Novo Testamento, alguns autores argumentam que a igreja primitiva não utilizou o método relacional, nem da amizade, mas empregou o testemunho ou instrução bíblica.¹¹ Em defesa dessa posição, vários argumentos são apresentados, como por exemplo:

- Jesus e os apóstolos não estabeleceram amizade, inicialmente, nem esperaram algum tempo antes de apresentar o evangelho. A pregação ocorria quase simultaneamente com a chegada deles a qualquer lugar.

- O evangelismo da amizade faz com que o trabalho do Espírito Santo dependa do contexto relacional e fique limitado a ele. A amizade com o mundo é inimizada contra Deus (Tg 4:4). Portanto, desenvolver processos de amizade é contradizer o apóstolo.

- A grande comissão não dissimula a verdade.

- O tempo apropriado para evangelizar alguém é subjetivo, pois não é igual para todas as pessoas.

- Nas Escrituras, há exemplos de evangelização sem o antecedente processo de amizade (At 10:26-40; 16:14, 15, 32-34; 17:32-34).

- A urgência do evangelho pode ser perdida em meio à preocupação com o relacionamento.

- Paulo não estava preocupado com o processo amistoso, mas com a pregação do evangelho.¹²

Apesar da pertinência de algumas dessas objeções, elas podem ser contestadas por outros argumentos. Entre esses apresentamos os seguintes:

- O Espírito Santo transcende toda metodologia convencional e pode evangelizar mediante amizade ou sem ela.

- A vinda do Messias a Israel havia sido amplamente anunciada e esperada. Essa situação estimulou e facilitou alguma recepção à mensagem de Cristo por uma comunidade eminentemente judaica. Mesmo assim, durante a primeira metade do século 1 d.C., os ensinamentos de profetas e mestres formavam parte do cotidiano judaico. Facilmente, as pessoas se reuniam para ouvir. Isso possibilitou a pregação do evangelho na Judeia.¹³

- Jesus e os apóstolos realizaram curas, algumas vezes como estratégias que ajudaram na receptividade à mensagem. Exemplo disso foi o trabalho de Paulo e Lucas na ilha de Malta. Em Atos 28:8, Lucas utilizou a palavra *iasáto* (sanidade) para se referir à cura realizada por Paulo. Referindo-se à cura de outras pessoas, o médico Lucas faz uso da palavra *etherapeúonto*, que significa tratamento (At 28:9, 10).

- Jesus disse que os filhos de Deus não são do mundo, mas permanecem nele (Jo 17:15, 16). Ele orou para que Seus seguidores fossem protegidos contra o mal.

- Isso implica a existência de atividades no mundo, que não são contrárias aos princípios bíblicos e que o cristão, em certas circunstâncias, pode compartilhar amizade no mun-

do, testemunhando a outras pessoas sem comprometer os ensinamentos de Cristo.

▫ As cartas de Paulo mencionam muitas pessoas como participantes de seu círculo de amizade. Para esse apóstolo, o relacionamento somente fazia sentido se estivesse sujeito à comunhão e à missão.

▫ A ausência de claros elementos amistosos prévios na evangelização do eunuco etíope, do carcereiro de Filipos, Damaris e de outros do Areópago não implica necessariamente ausência de contatos anteriores e relacionamento dessas pessoas com outros cristãos.

▫ A *koinonía* (comunhão), experiência posterior ao Pentecostes, propõe unidade, não uniformidade. Havia na igreja primitiva várias metodologias relacionais: grupos de oração, ajuda aos pobres, pregação, confraternização, entre outras. A essas atividades associavam-se vocábulos como: *metochos* (participante) e *sunérgos* (companheiro); *jetairos* (compartilhar com um propósito comum) e *filos* (amor por outros). Nos dias do Novo Testamento, essas palavras justificavam a atitude amistosa como fator relacional na comunidade cristã bem como para com os que não participavam dela.¹⁴

Rompendo limites

Atualmente, o cristianismo deve romper algumas barreiras próprias do materialismo e a densidade populacional nas cidades. A grande questão é a seguinte: Como é possível chegar às torres residenciais, protegidas com acesso restrito e codificado? Muitos desses arranha-céus têm mais de vinte andares. É óbvio que nesses lugares necessita-se de um “evangelista residencial”, ou seja, alguém que resida no local, ou tenha acesso fácil, a fim de se aproximar e cultivar amizade.

É necessário lembrar que Cristo veio ensinar a Seus seguidores o verdadeiro tipo de amizade que transpõe barreiras sociais. Durante o primeiro século da era cristã, em

sua maioria as castas estavam estabelecidas desde antes do nascimento das pessoas. Por exemplo, o escravo nascia e carregava sua escravidão até à morte, a menos que sua liberdade fosse comprada por alguém.¹⁵

O conceito de “honra” isolava as pessoas umas das outras, buscando a preeminência de uma família sobre outra, privando-se mutuamente de ajuda e compaixão.¹⁶ Alguns senhores cristãos, continuaram tendo escravos, identificando-os com coleiras no pescoço.¹⁷ Em contraste, Cristo veio para ensinar que em Sua mensagem “não há fronteiras territoriais, nem classes sociais” e que “os muros do sectarismo, casta e raça desabarão quando o verdadeiro espírito missionário penetrar no coração dos homens”.¹⁸

Sugestões

Em seguida, apresentamos algumas ideias simples que, colocadas em prática, produzirão êxito no evangelismo da amizade:

▫ Oração perseverante e específica em favor das pessoas ajuda a criar laços de aproximação.

▫ Pequenos atos motivados pelo amor de Deus abrem portas e produzem sentimentos de bem-estar no ser humano.

▫ Demonstrar bondade e tratar as pessoas com a mesma cortesia exemplificada por Jesus Cristo.

▫ Cultivar a arte de ouvir ajuda a ganhar confiança e facilita o compartilhamento de experiências pessoais. Isso faz com que as pessoas entendam que o cristão também sofre, sem jamais perder a esperança.

▫ Por meio do fortalecimento da amizade com alguém, é possível alcançar outras pessoas do seu círculo de amigos e também familiares.

▫ Sinceridade e confiança são fundamentais para superar barreiras.

▫ Momentos passados juntos numa refeição representam ocasiões valiosas para aprofundar o relacionamento.

▫ Não existe um método específico e definido para alcançar pessoas.

Às vezes, a solicitação de um favor pode ser o início de uma amizade.

▫ Um caminho que pode levar ao evangelismo da amizade é o de grupos estabelecidos para compartilhar algum tempo dedicado a diferentes propósitos. Esses grupos podem ser homogêneos ou heterogêneos. Grupos homogêneos incluem pessoas da mesma profissão, do mesmo nível cultural e educacional. Os heterogêneos incluem pessoas de diferentes níveis sociais, profissionais e educativos. Embora esses dois grupos tenham sua funcionalidade, não devemos nos esquecer de que, independentemente da linhagem, todos os seres humanos são atraídos a Cristo pelo abraço compassivo de Sua amizade e salvação. ▮

Referências:

¹ Ivan Blazen, *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: CPB) p. 308.

² O nome “Rute” significa “amiga”, “amizade”. Ver Sigfried H. Horn, *Dicionário Bíblico Adventista del Séptimo Dia* (Buenos Aires: Aces, 1995), p. 1014.

³ James Orr, ed., *The International Standard Bible Encyclopaedia*, (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1974), v. 2, p. 1146.

⁴ Ivan Blazen, *Op. Cit.*, p. 308-310.

⁵ John Noble Wilford, *New York Time*, 26/10/2006, “Ritual Deaths at Ur Were Anything but Serene”.

⁶ Denise Schmand T. Besserat, in Elias Brasil de Souza, “*The Heavenly Sanctuary Temple: Motifs in the Hebrew Bible: Function and relationship to the Early counterparts*”, Tese PhD (Berrien Springs, MI: Universidade Andrews, 2005), p. 8.

⁷ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 23.

⁸ Thomas Merton, *No Man is an Island* (Nova York: Harcourt, 1955, reimpresso em 2004).

⁹ Ellen G. White, *Nossa Alta Vocação* [MM 1962], p. 109.

¹⁰ W. Eng Bailey, M. Firsch, R. C. Snyder, *Journal of Positive Psychology*, 2007, p. 168, 169.

¹¹ www.evangelismcoaching.org, acessado em 09/10/13.

¹² Bob Gilliam, in www.bible.org, acessado em 09/10/13.

¹³ A. Richard, *Christian Origins: A People's History of Christianity* (Mineápolis: Fortress, 2010), p. 261-313.

¹⁴ Bob Gilliam, *Op. Cit.*

¹⁵ Barbara Levick, *The Government of the Roman Empire* (Nova York: Routledge, 2008), p. 24, 25.

¹⁶ J. Bruce Malina, *The New Testament World: Insights from Cultural Anthropology* (Louisville: Westminster John Knox, 2001).

¹⁷ Peter Garnsey, *Ideas of Slavery from Aristotle to Augustine* (Nova York: Cambridge, 1996), p. 106.

¹⁸ Ellen G. White, *E Recebereis Poder* [MM 1999], p. 337.



Diretor do Ministério aos Pós-modernos na Divisão Transeuropeia da Igreja Adventista

Evangelismo para hoje

Para alcançarmos a nova geração, precisamos de algo mais, além de infundáveis estratégias

De acordo com a Bíblia, temos obrigação de pregar “tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes” (Rm 1:14); proclamar o evangelho eterno “a toda nação, tribo, língua e povo” (Ap 14:6). Essa obrigação inclui os pós-modernos. Mas, quem são eles? O que creem? Como podemos, como adventistas do sétimo dia, alcançá-los?

“O termo “pós” significa “depois”; e “moderno”, significa “atual”, “agora”, algo que é do tempo presente. Assim, podemos definir a expressão “pós-moderno” como “além do tempo presente”, ou seja, identifica pessoas que vivem a experiência de constantes mudanças. Talvez a definição literária mais concisa de “pós-

modernismo” tenha sido dada por Jean-François Lyotard, chamando-o de “incredulidade para com as metanarrativas”.¹ Metanarrativas são histórias ou verdades abrangentes que são como um guarda-chuva para tudo na vida, como a existência de Jesus Cristo como Filho de Deus e Seu plano de salvação, por exemplo.

Frequentemente, o pós-modernismo é mal compreendido. Misturamos as palavras “secular”, “pós-moderno”, “pluralista” e “contemporâneo”, mas elas não significam a mesma coisa. Uma pessoa secular não crê em Deus, uma pluralista crê em muitos deuses ou verdades, uma pessoa contemporânea simplesmente vive em nossa época, mas alguém pós-moderno é mais complexo. Pós-modernos não

negam Deus necessariamente; o que eles não têm é um crescente relacionamento com Deus. Não rejeitam a verdade, mas não estão seguros de onde podem achá-la nem que a Bíblia tenha a verdade.

O pós-modernismo reage às falhas do modernismo, rejeitando a verdade como aplicável universalmente e valorizando a tolerância como virtude suprema.² Mas isso tem fronteiras contraditórias, levando a um sistema de tolerância seletiva. Steven Connor escreveu: “O que chama a atenção é precisamente o grau de consenso no discurso pós-modernista de que já não há possibilidade de nenhum consenso, o anúncio impositivo do desaparecimento da autoridade final e a promoção de



uma condição cultural na qual a totalidade já não é imaginável.⁷³ Em outras palavras, o pós-modernismo parece estar certo de que não há maneira de se estar certo a respeito de verdades absolutas.

A incompreensão mais comum do pós-modernismo focaliza o fato de que o pós-modernismo nega completamente a verdade, relativizando assim cada coisa. Os pós-modernistas não negam a verdade e a realidade objetiva; em vez disso, eles questionam nossa habilidade para distinguir entre a verdade e o que não é verdade. O pós-modernismo é um movimento reacionário contra a abordagem arrogante que o modernismo atribuiu à autoridade e à “prova” científica.

Oportunidades

Com o fim do conceito de absolutismo da razão humana e ciência, o sobrenatural mais uma vez foi aberto à consideração. Pelo fato de que os pós-modernistas veem a espiritualidade tão intimamente ligada à experiência sobrenatural, cristãos que têm experimentado o Espírito Santo têm grande oportunidade de fazer amigos entre os pós-modernos e compartilhar com eles a história de um Deus pessoal que tem feito milagres na vida desses mesmos cristãos.

Intuição e emoções não são outro caminho pelo qual os pós-modernistas possam descobrir a verdade. Como os pós-modernistas experimentam vários encontros espirituais, eles se integrarão em um novo estilo de

vida quando encontrarem algo ou um grupo a que pertencerem. Um convite pessoal como, por exemplo, “experimente-o”, ou seja, “experimente o evangelho”, deve ser nossa mensagem para eles. As pessoas almejam pertencer. E a comunidade cristã oferece um ambiente de apoio que pode ajudá-los a descobrir um significado mais profundo e mais completo do que é ser discípulo de Jesus.

Considerando as atuais pesquisas a respeito da prevalência da cultura pós-moderna, as igrejas devem adotar métodos que atraiam os adeptos dessa mentalidade. Richard Halverson escreveu: “Dogmatismo e fé não são idênticos! Dogmatismo é como rocha. Fé é como semente. A fé, com frequência, luta com dúvidas... Dogmatismo é um túnel. Fé é um pico de montanha... Dogmatismo insiste em máximas. A fé conhece Cristo. Dogmatismo gera intolerância. A fé estimula a compreensão.”⁷⁴ Isso não significa que devemos diluir a mensagem das Escrituras, em uma tentativa de entreter. Significa que devemos reajustar o foco de nossa estratégia de testemunho, centralizando-o no exemplo que Jesus nos deixou sobre a maneira de se viver.

Pelo fato de que o cristianismo reivindica ter a verdade absoluta, ele está destinado a ser impopular no ambiente pós-moderno. Assim, embora o evangelismo relacional seja considerado a melhor técnica de abordagem, nossas “técnicas” não podem ser desonestas. O evangelho é aplicável a todas as épocas em todos os países e culturas. Enfrentamos um perigo: enquanto buscamos “tornar relevante o evangelho”, podemos omitir a realidade de que ele *já é* relevante. O evangelho jamais se tornará irrelevante, enquanto houver pessoas sofredoras, que necessitam encontrar paz na dádiva divina da salvação.

As Escrituras não devem ser comprometidas nem obscurecidas por qualquer metodologia evangelística, preocupada com crescimento da igreja ou obcecada por batismos. Na

verdade, devemos permanecer atentos às pessoas e suas necessidades de relacionamento, apoio e nutrição. A fim de alcançarmos a geração pós-moderna, devemos voltar ao que é básico: viver os princípios bíblicos, desenvolver amizades autênticas, atender necessidades do semelhante, e dar aos novos discípulos uma oportunidade para crer por intermédio do pertencimento. Devemos viver nossa fé, porque “é esse tipo de fé que os pós-modernos podem aceitar – melhor ainda, pela qual podem dar a vida”.⁵

“O evangelho jamais se tornará irrelevante, enquanto houver pessoas sofredoras, que necessitam encontrar paz na dádiva divina da salvação”

Modelo de discipulado

Com o propósito de oferecer uma abordagem culturalmente mais sensível, apresentamos aqui um modelo de discipulado que inclui uma visão estratégica para envolver cristãos adventistas na construção de uma autêntica amizade com pessoas de mentalidade pós-moderna em nossas comunidades. Isso é realizado no processo de levá-las a Cristo e na provisão de esperança por meio de apoio e nutrição espiritual⁶ Essa visão está fundamentada em três princípios bíblicos para evangelismo no mundo pós-moderno.

Pertencer antes de crer. A estratégia evangelística mais amplamente adotada é ensinar pessoas a respeito do evangelho, verificar se elas se conduzem de acordo com as doutrinas e, finalmente, aceitá-las para que pertençam ao corpo simbólico de Cristo. Esse método tem-se provado impróprio e ineficaz no mundo ocidental pós-moderno.

Hoje, as pessoas buscam relacionamentos honestos e genuínos.

Jesus Cristo é o maior e mais perfeito exemplo de como estabelecer amizade. “O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’.”⁷ Isso requer planejamento e sacrifício, porque todos nós somos ocupados. Em tal ambiente, falar e partilhar é algo crucial. Devemos nos lembrar de que o ato de falar inclui o de ouvir. Ajudar os pós-modernistas a compreender a história de Cristo requer muito tempo e paciência. Temos que ser compreensíveis, honestos, e não assumir a postura de juízes.

Partilhar refeições é algo muito importante. Esse gesto constrói e sustenta relacionamentos humanos e simboliza solidariedade; expressa a textura dos relacionamentos humanos, até mesmo um estilo de vida. Jesus comeu e bebeu com as pessoas, mesmo com os mais vis pecadores (Mt 11:19; Mc 2:15-17; Lc 15:1, 2). Ele sabia que, estando com as pessoas ao redor de uma mesa, poderia influenciá-las por palavras e atos.

Se o principal objetivo do evangelismo é produzir “crentes”, então despertamos as pessoas para coisas e verdades que elas precisam saber. Se o principal objetivo do evangelismo é mudar “comportamentos”, levamos as pessoas a focalizar sobre elas mesmas e seus hábitos pessoais. Se o principal objetivo do evangelismo é o “pertencimento”, então levamos as pessoas a se tornarem discípulas de Jesus Cristo, incorporando-as na comunidade cristã e compartilhando com elas as bênçãos da amizade cristã.⁸ “Pertencer antes de crer” não significa que a pessoa seja espiritualmente integrada no corpo de Cristo, mas que é aceita no processo de transformação, que abrange a obra do Espírito Santo.⁹

“Um senso de pertencimento coloca os interessados na posição de observadores-participantes, de modo que possam aprender o que

o evangelho significa. Eles podem observar bem de perto como ele impacta a vida de pessoas e modela uma comunidade. Por meio desse processo, o interessado chega a conhecer quando está pronto para fazer a decisão pessoal de se identificar plenamente com o Senhor e com o corpo de Cristo, a igreja.”¹⁰

Muitas pessoas desejam pertencer a um lugar a que elas possam chamar de lar, com o qual possam se identificar. Presentemente, o mundo navega nas ondas do modernismo, no qual o Iluminismo criou autonomia, individualismo e isolamento, para o pós-modernismo, onde as pessoas estão buscando identidade e comunidade. Hoje, temos a realidade virtual, uma experiência real em efeito, mas não de fato.¹¹ Sendo que essas pessoas lutam na miséria da solidão e buscam identidade, os cristãos devem criar uma comunidade que abrace e ajude essas pessoas a encontrar sua identidade, bem como se a tornarem discípulas de Jesus Cristo. Deus criou a comunidade (Gn 2:18), e o próprio Jesus escolheu viver em uma pequena comunidade (Mc 3:14). Isso deve se tornar a moldura para o ministério no mundo pós-moderno; um ambiente no qual as pessoas sejam suficientemente vulneráveis para compartilhar suas alegrias, seus sofrimentos e desespero.

Evangelismo-processo. Nos evangelhos lemos que, quando Jesus começou Sua missão, Ele entrou no mundo de doze homens, identificou-Se com eles e suas condições, comprometendo-Se a iniciar o processo de evangelizá-los. Os discípulos gastaram mais de três anos crescendo em compreensão a respeito de Jesus; primeiramente como Mestre, depois como Messias e Filho de Deus. Isso claramente sugere um processo, não apenas um evento. Embora estejamos acostumados a refeições instantâneas, bebidas instantâneas, caixas bancários instantâneos e mensagens instantâneas, não podemos evangelizar, especialmente a nova geração, dessa maneira. Para os pós-

modernistas, é inaceitável a abordagem com uma verdade em forma de um grande esquema dogmático, proposto em tempo limitado.

Evangelização é um processo e leva a pessoa em uma jornada espiritual que nós, cristãos, conhecemos muito bem, com seus altos e baixos. Nessa jornada, nosso trabalho é avançar passo a passo no tempo. O trabalho do Espírito Santo é convencer as pessoas e levá-las à conversão. Nossa responsabilidade é nos tornarmos disponíveis como instrumentos que Deus usará a fim de completar Sua obra. Devemos seguir o exemplo de Jesus. Isso nos ajudará a experimentar o milagre de andar sobre as águas, à semelhança de Pedro (Mt 14:29).

Jimmy Long identifica seis passos no processo de conversão de um pós-moderno. São eles: "(1) Descontentamento com a vida. (2) Confusão a respeito de propósito. (3) Contato com cristãos. (4) Conversão à comunidade. (5) Compromisso com Cristo. (6) Chamado a uma visão celestial de Deus."¹² É importante lembrar que isso nem sempre acontece exatamente nessa sequência. Tempo, lugar e rapidez são aplicáveis a cada indivíduo. Pode ser que uma pessoa seja mais rapidamente receptiva ao processo que outra, ou até mesmo pule um ou dois passos. Mas isso ainda permanece sendo *processo*, porque a geração pós-moderna requer mais tempo até firmar qualquer compromisso.¹³

O processo ajuda o interessado a ver o evangelho em ação no ambiente da comunidade cristã. O processo molda o coração, não a mente, do interessado. Leva-o à maturidade cristã integral. Transforma-o em discípulo. Habilita esse novo discípulo a ser discipulador.

Evangelismo-narrativa. Uma história tem o poder de provocar nossos pensamentos, emoções, riso e ações. Uma história tem o poder de criar uma visão que, por sua vez, produz caráter. Uma história pode mudar a mente da pessoa e afetar

suas atitudes, cosmovisão e seu ser. Jesus compreendia o poder de uma história. Por isso, "com muitas parábolas", Ele "anunciava a Palavra, tanto quanto podiam receber. Não lhes dizia nada sem usar alguma parábola" (Mc 4:33, 34).

A nova geração busca encontrar um modelo. Quando pessoas de mentalidade pós-moderna veem cristãos vivendo suas histórias em uma comunidade fiel, elas respondem a um modelo vivo. Isso provê esperança para uma geração que não a tem. Ajuda a essas pessoas em sua vida diária e as nutre em seu crescimento espiritual. "A 'história' que deve ser contada é a velha mensagem de um Deus que cuida do ser humano individualmente, mas essa história deve ser transmitida em termos mais atrativos e, por isso mesmo, revelar-se mais plausível em nosso tempo. Nossa geração pós-moderna está mais pronta do que nunca, para ouvir essa história com novos ouvidos. Por quê? Por causa do vazio e da ilusão da vida pós-moderna."¹⁴

"Vá e anuncie"

Quando o jovem que havia estado sob possessão demoníaca foi libertado, Jesus disse a ele: "Vá para casa, para a sua família e anuncie-lhes quanto o Senhor fez por você e como teve misericórdia de você" (Mc 5:19). Com isso, o Mestre nos ensinou os princípios do evangelismo. Ele espera que nos voltemos para nossa comunidade e estabeleçamos ligações com as pessoas que nos rodeiam, onde vivemos, trabalhamos e nos divertimos, a fim de tornar possível compartilhar com elas a maravilhosa história da nossa experiência de libertação.

A comunidade cristã tem recursos peculiares que podem ser utilizados para alcançar os pós-modernistas. Ao contrário do que muitos pensam, eles proveem um cenário mais favorável às possibilidades espirituais e teológicas. Não é suficiente compreendermos nosso mundo à distância. Não é suficiente que tenhamos infin-

dáveis estratégias por meio das quais planejamos cumprir a missão. Necessitamos nos misturar e ombrear-nos com aqueles a quem desejamos alcançar para Cristo. À semelhança da contextualização exemplificada por Paulo em seus dias, necessitamos estar dispostos a conviver com os pós-modernistas nos termos deles, não nossos.

Disse o apóstolo: "Fiz-me escravo de todos, para ganhar o maior número possível de pessoas. Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da lei, tornei-me como se estivesse sujeito à lei (embora eu mesmo não esteja debaixo da lei), a fim de ganhar os que estão debaixo da lei. Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei (embora não esteja livre da lei de Deus, e sim sob a lei de Cristo), a fim de ganhar os que não têm a lei. Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns. Faço tudo isso por causa do evangelho, para ser participante dele" (1Co 9:19-13).

Isso estabelecerá a base para que aconteça uma real e efetiva comunicação do evangelho. ▀

Referências:

- ¹ Jean-François Lyotard, *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge* (Minneapolis: MN: University of Minnesota, 1984), p. 24.
- ² "Postmodernism" <http://www.public-domain-content.com/Architecture/Postmodernism.shtml> (Maio, 2005).
- ³ Steven Connor, *Postmodernist Culture: An Introduction to Theories of the Contemporary* (Oxford, UK: Blackwell, 1998) p. 24.
- ⁴ Richard Halverson, *Somewhere Inside of Eternity* (Portland, OR: Multnomah Press, 1978), p. 50.
- ⁵ McLaren, 169.
- ⁶ Para mais informações, ver www.lifedevelopment.info.
- ⁷ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143.
- ⁸ Richard Rice, *Believing, Behaving, Belonging: Finding New Love for the Church* (Roseville, CA: Association of Adventist Forums, s/d), p. 120, 121.
- ⁹ Gibbs, Cofey, p. 194.
- ¹⁰ *Ibid.*
- ¹¹ Jimmy Long, *Generating Hope: A Strategy for Reaching the Postmodern Generation* (Downer Grove, IL: InterVarsity Press, 1997), p. 73.
- ¹² *Ibid.*, p. 206.
- ¹³ *Ibid.*, p. 208.
- ¹⁴ *Ibid.*, p. 190.

Diretor da Escola Sabatina na
Divisão Sul-Americana

Aliados do pastor

“Anciãos e Escola Sabatina compõem a parceria que fortalece o discipulado”

A função do ancião sempre foi uma das mais significativas na história da igreja. Nos dias apostólicos, era considerada a de maior responsabilidade: “Quando surgia dissensão em uma igreja local... não se permitia que tais assuntos criassem divisão na igreja, mas eram encaminhados a um concílio geral de todo o conjunto dos crentes, constituído de delegados designados pelas várias igrejas locais, com os apóstolos e anciãos nos cargos de maior responsabilidade” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 96).

Existem basicamente duas áreas do trabalho do ancião que contribuem para que esse ministério seja tão importante. Primeiramente, a área administrativa, que consiste no gerenciamento da igreja, seus assuntos burocráticos, estrutura, ritos, aconselhamento, entre outros aspectos. Em segundo lugar, porém não menos importante, está a área pastoral, diretamente ligada ao discipulado, crescimento espiritual. Nesse caso, o ancião é um guia espiritual.

Na verdade, a grande missão confiada aos anciãos é a de pastorear a igreja. Dirigindo-se aos anciãos da igreja, o apóstolo Pedro escreveu: “Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho. Quando se manifestar o supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória” (1Pe 5:2-4).



Foto: Daniel Oliveira

Abrangência do pastoreio

Ministrar envolve as ações de discipular, influenciar, encorajar, fortalecer; e isso por meio do trabalho pessoal. “Os que ocupam a posição de subpastores devem exercer atento cuidado sobre o rebanho do Senhor. Isso não quer dizer vigilância ditatorial, mas que tenha por objetivo encorajar, fortalecer e levantar. Ministar significa mais que pregar sermões; significa trabalho zeloso e pessoal... Necessita-se de pastores fiéis que não lisonjeiem o povo de Deus, nem o tratem com dureza, mas o alimentem com o pão da vida – homens que sintam diariamente na vida o poder convertedor do Espírito Santo, e que cultivem amor forte e altruísta por aqueles por quem trabalham” (*Ibid.*, p. 526).

Para facilitar esse trabalho é que existe a Escola Sabatina, como estrutura importante através da qual o ancião pode cumprir sua função de pastorear o rebanho de Deus. Por inspiração divina, Ellen G. White realçou a necessidade urgente de realização desse trabalho, apresentou um chamado especial para anciãos e diáconos e apontou a Escola Sabatina como meio de executá-lo:

“Por que razão há, em nossas igrejas, muitos que não estão firmados, arraigados e fundados na verdade? Por que se acham na igreja os que andam em trevas e não têm nenhuma luz, cujos testemunhos são frios, queixosos e pouco sinceros? Por que existem pessoas cujos pés parecem prestes a se desviar por veredas proibidas e sempre têm a contar uma triste história de tentação e derrota? Sentiram os membros da igreja sua responsabilidade? Cuidaram os anciãos e diáconos dos fracos e apostatados? Compreenderam eles que os inconstantes estão em perigo de perder a vida eterna? Procuraram, por preceito e exemplo, firmar na Rocha eterna os pés dos extraviados? Compreenderam os professores e oficiais da Escola Sabatina que têm de fazer a obra de guiar pelos caminhos seguros

os passos dos jovens e que, para que sejam ganhadores de pessoas para o Mestre, devem considerar como nada todo interesse egoísta? Há, em cada ramo da obra, decidida necessidade de reforma” (*Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, p. 161, 162).

“Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade como Deus quer”

“A influência que provém da Escola Sabatina deve melhorar e engrandecer a igreja” (*Ibid.*, p. 9). No ministério terrestre de Jesus Cristo, encontramos o maior exemplo de pastoreio. Ele Se aproximou de doze pessoas e as influenciou poderosamente. Como projeção desse exemplo, as Unidades de Ação da Escola Sabatina e os pequenos grupos representam a melhor estrutura para o exercício do ministério de pastoreio. Cada Unidade de Ação ou pequeno grupo deve ter um líder discipulador. Algumas vezes, esse líder atuará como conselheiro e professor, mas a principal tarefa é o trabalho pastoral.

Exercendo influência

Em quais áreas específicas devem os anciãos exercer influência discipuladora em relação aos membros da igreja? Aqui estão algumas delas:

▫ “Exerçam toda a sua influência para interessá-los nas Escrituras” (*Ibid.*, p. 12). “Uma porção do tempo de cada dia deve ser reservada ao estudo das lições” (*Ibid.*, p. 53).

▫ “Sejam ensinados a ajudar os outros” (*Ibid.*, p. 62). “Se não se ensina o povo como trabalhar, como dirigir reuniões, como desempenhar sua parte no labor missionário, como alcançar com êxito o povo, a obra será mais ou menos um fracasso” (*Ibid.*, p. 83).

▫ “Se, na Escola Sabatina, vocês apresentam a seus alunos um assunto da Palavra de Deus, devem esclarecer de tal maneira a razão de sua fé, de modo que eles se convençam de sua veracidade” (*Ibid.*, p. 31).

Mas existem atitudes práticas que caracterizam o eficiente trabalho pastoral da Unidade de Ação ou pequeno grupo:

1) É um trabalho que deve ser feito pessoalmente. “Em todo verdadeiro ensino é essencial o elemento pessoal. Em Seu ensino, Cristo tratava com os homens individualmente” (*Ibid.*, p. 73).

2) Não deve ser negligenciada a visitação de casa em casa. “A eles vocês devem se unir em amorável simpatia, visitando-os em seu lar” (*Ibid.*, p. 76).

3) O exemplo é poderoso. Nada influencia mais que o próprio exemplo.

4) Amor e compaixão também são essenciais no trabalho do pastoreio.

5) Permanência. O trabalho pastoral não acaba; projeta-se permanentemente na vida dos discípulos.

6) Comunhão. O sentido de comunidade é algo que deve ser construído como elemento de pastoreio.

Finalmente, trabalhando por meio da Escola Sabatina, o ancião deve ter como objetivo em seu trabalho pastoral o crescimento espiritual de todos aqueles que estão sob seus cuidados. “Necessitamos de poder vivificante, zeloso entusiasmo e verdadeiro ânimo, para que nossas escolas se encham de uma atmosfera de verdadeira piedade e pureza; para que haja real progresso religioso; para que o temor do Senhor circule pela escola; para que o diretor e dirigentes não se satisfaçam com um processo morto, formal, mas coloquem em ação todos os meios possíveis a fim de que a escola se torne a mais nobre e eficiente no mundo. Deve ser esse o objetivo e a ambição de todo obreiro da escola” (*Ibid.*, p. 162). ▀

Pastor em Buenos Aires,
Argentina

Ensinando todas as coisas

Deixar de instruir plenamente o candidato ao batismo é deslealdade para com o novo converso

Determinar que uma pessoa esteja pronta para o batismo não é algo que deva ser feito apressadamente. Para isso, há necessidade de parâmetros objetivos, criteriosos e práticos. Neste artigo mencionaremos os principais problemas que nos impelem a batizar alguém fora de tempo ou carente de preparação adequada. Então, apresentaremos uma série de parâmetros simples, seguramente conhecidos, que podem servir de guia, antes que alguém seja batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Conhecimento

Talvez, o primeiro fator no preparo de alguém para o batismo seja o conhecimento doutrinário. Ao dar a grande comissão (Mt 28:19, 20), nosso Senhor deixou clara a ordem de fazer discípulos. A fim de alcançar esse objetivo, somos ensinados a batizá-los, ensinando-lhes “todas as coisas” que nos foram ordenadas por Jesus.

Normalmente, entendemos que, antes do batismo, a pessoa deva ter recebido estudos bíblicos de acordo com a idade, a capacidade e a realida-

de do estudante. Respeitar esse ponto significa ter tranquilidade, porque ele permitirá ao novo membro compreender, aceitar e sistematizar os aspectos fundamentais distintivos da fé adventista.

Bem sabemos que, tendo sido batizado, o novo membro terá que crescer até se tornar discípulo. Porém, isso não invalida o fato de que, ao ser batizado, ele conheça as novas obrigações sociais, espirituais, comportamentais, éticas e outras, implícitas na decisão que tomou.

Deixar de ensinar “todas as coisas” é ser desleal para com o novo converso. O pastor deve ser vigilante nesse assunto.

Assistência à igreja

Muitas vezes, a frequência à igreja é o ponto mais desconsiderado no preparo para o batismo e, ao mesmo tempo, é um dos fatores-chave para o discipulado de sucesso. No relato bíblico das primeiras conversões na igreja cristã primitiva e dos primeiros batismos depois do Pentecostes, repete-se enfaticamente que os cristãos viviam em comunhão. Tão pro-

funda e íntima era sua unidade, que compartilhavam o que tinham, formando nova família dentro da igreja (At 2:42-47). Assim, a comunhão dos crentes era ponto fundamental para a força da igreja e a conquista de novos membros.

A assistência à igreja, com a respectiva interação, é o fator determinante para que a pessoa tenha uma rede de contenção diante de suas fraquezas, quedas e desânimo. Se a pessoa congrega algumas vezes (até mesmo uma vez ou nenhuma), antes do batismo, é improvável que seja integrada com seus irmãos de fé, seus guardiões espirituais.

Há pessoas que são batizadas e, por causa dos antecedentes católicos, entendem o batismo como sacramento. Desse modo, não sentem necessidade de frequentar assiduamente a igreja depois de batizadas. Por isso, é prudente que, antes do batismo, sejam conscientizadas dessa necessidade. É igualmente prudente que as cerquemos de pessoas consagradas, cristãos experientes, que possam velar por elas e compor o grupo de amigos que as integrem na comunidade.

Evidências de conversão

Aqui, entramos em um ponto dramático, pois a conversão não pode ser medida e tem manifestações múltiplas. Um parâmetro ideal e coerente com a realidade da pessoa é ver nela mudanças no estilo de vida, quanto a aspectos comportamentais visíveis, exteriores, que dão testemunho da sua fé.

Esses elementos são testemunhas de uma conversão verdadeira, porém sempre têm certo limite em sua capacidade de atestar. Entretanto, Deus é ilimitado e em Seu livro estão os que de coração se entregaram a Ele. Em contrapartida, a igreja tem limites e pode ser enganada. Ela não pode ver o coração. Nesse ponto, cabe-nos confiar na sinceridade das pessoas que pedem o batismo, além de acompanhar o crescimento delas.

Solicitação espontânea

Mesmo que geralmente entendamos que a pessoa que deseja ser batizada deva pedir o batismo, precisamos estar atentos para que isso aconteça de forma totalmente livre e voluntária. Pode acontecer que, às vezes, exista pressão familiar que leve a pessoa a dar esse passo sem que realmente o deseje. O resultado é que logo depois do batismo ela “desaparece”.

Além disso, existem certos tipos de apelo que colocam algumas pessoas suscetíveis em uma situação constrangedora, na qual não sabem como dizer “não”. Assim, acabam recebendo um batismo pelo qual não estavam tão desejosas. Podemos e devemos animar as pessoas para que tomem a decisão de ser batizadas, mas não podemos tomar a decisão em lugar delas.

Outro aspecto a ser considerado é que o candidato compreenda realmente os privilégios e obrigações de alguém que se torna membro da igreja.

Consequências do despreparo

Testemunho comprometido. Como igreja, ao aceitar como membros pessoas que não são cristãs genuínas, colocamos em risco o impacto que devemos causar no mundo. É

necessário deixar claro que todos nós temos que continuar crescendo em Cristo, mas ao mesmo tempo devemos ter uma estatura mínima ao ser batizados. A má conduta, agressividade e conduta contraditória aos princípios cristãos prejudicam o bom nome da igreja e, o que é pior, lança sombra sobre o caráter de Deus.

Temos ensinamentos bem definidos quanto ao estilo de vida diferente, adotado por um povo que se prepara tendo em vista o encontro com Deus. Somos chamados a ser uma “nação santa”, e embora saibamos que não batizamos ninguém perfeito, devemos estar seguros de que batizamos pessoas que já iniciaram o processo de santificação.

Perda de identidade. O batismo de pessoas que não compreendem o caráter distintivo da Igreja Adventista nem o chamado profético feito a esse povo, a fim de proclamar a tríplice mensagem angélica, faz diminuir em nossas fileiras o que podemos chamar de “identidade adventista”. A missão como estilo de vida, a iminência da vinda de Jesus Cristo, o chamado para sair de Babilônia, entre outros ensinamentos, vão se perdendo cada vez que saem das águas batismais pessoas que não compreendem a razão pela qual é diferente ser adventista do sétimo dia.

A singularidade da nossa mensagem é nossa razão de ser. Sem ela, seríamos apenas mais um grupo de crentes. Fomos chamados como um povo especial, em um tempo especial, para dar uma mensagem especial. É imperativo que as pessoas que se unem a nós saibam disso e compartilhem esse chamado. Certamente, a profundidade dessa conscientização não será igual em cada novo membro, mas deve estar germinada como um chamado que o inclui.

Entendimento incorreto da salvação. A teologia do batismo toca a eclesiologia, mas também a soteriologia. De acordo com o próprio Jesus Cristo, “quem crer e for batizado será salvo” (Mc 16:16), o que leva alguns a afirmar que o batismo é o passo fundamental da salvação, tendo em si

mesmo o poder de perdoar pecados. Quando uma pessoa ouve que deve ser batizada para ser salva, entende exatamente isso. E sabemos que, quando essa pessoa tem dado passos de salvação quanto à fé, confissão, mudança de hábitos, abandono de pecados, verdadeiramente começou a andar no caminho da salvação, incompleto no sentido temporal (pode abandoná-lo e perder a salvação), mas completo no sentido qualitativo (está completamente salvo).

Porém, quando não ocorre dessa maneira, a pessoa que não conhece o essencial da Palavra, não está integrada à igreja, não começou a dar evidências de salvação nem entende plenamente o que está fazendo ao ser batizada, provavelmente, esteja entendendo que está sendo salva pelo batismo (sacramento). É nesse ponto que muitas pessoas entendem mal a doutrina da justificação pela fé e associam a salvação às obras meritórias. Afinal, isso lhes foi sugerido no “incentivo” para que fossem batizadas. Os pastores têm muito que ver com essa vã segurança.

Qualidade versus quantidade

Frequentemente, tenho ouvido a seguinte pergunta, feita por líderes da igreja: “Queremos qualidade ou quantidade?” Todo bom líder espera que respondamos: “As duas coisas.” De fato, isso é certo. Queremos batizar muitas pessoas, o máximo, e ao mesmo tempo batizar pessoas bem preparadas, conscientes, felizes por estarem fazendo a vontade de Deus.

As duas coisas não são incompatíveis. Na verdade, um trabalho bem feito colabora com o objetivo de uma igreja santa e missionária, o objetivo de atrair muitas pessoas a Cristo. Porém, quando surge a tensão entre quantidade e qualidade, qual delas tem a primazia em nosso trabalho? É no momento dessa tensão que devemos nos lembrar da razão pela qual fazemos as coisas: não porque funcionem, mas porque são corretas. Que tipo de glória buscamos: a nossa ou a de Deus? ▀



Igreja servidora

Sugestões para levar sua congregação a trabalhar mais efetivamente pela salvação da comunidade

Todo pastor adventista do sétimo dia deve exercer influência positiva na comunidade local. É seu privilégio e prerrogativa procurar ser o principal agente para o bem de sua comunidade. Tal envolvimento ajuda a eliminar incompreensões, superar barreiras e quebrar preconceitos, elevando assim o conceito da igreja local.

Igrejas que funcionam isoladas mostram desconsiderar as necessidades das pessoas fora dos seus limites. Assim, quem pode esperar resultados positivos de qualquer iniciativa espiritual e evangelística? As pessoas nos verão como meros hóspedes na comunidade, não como verdadeiros residentes.

Estar envolvido como capelão

voluntário no hospital de minha cidade, na prisão e na universidade tem me possibilitado encontrar pessoas com vários antecedentes e experiências. Isso me permite compreender algumas das questões que as pessoas enfrentam hoje, bem como as preocupações sociais dos vários grupos comunitários, o que, por sua vez, ajuda-me a orientar minha igreja no desenvolvimento de projetos que atendam efetivamente àquelas necessidades.

Isso nem sempre pode ser fácil, especialmente se os membros são muito direcionados para a comunidade e simplesmente veem a igreja como lugar de adoração. A maioria das igrejas tende a ter uma inclinação natural à preservação própria e

a voltar-se para seu interior. Para as igrejas mais antigas, tornar-se direcionadas para o exterior pode ser algo tão difícil quanto uma curva radical feita por um porta-aviões. Nessa área, Ellen G. White menciona: “Os pastores não devem fazer o trabalho que pertence à igreja, exaurindo-se a si mesmos... Eles devem ensinar os membros a trabalhar na igreja e na comunidade.”¹

No livro *The Externally Focused Church* [A Igreja Focalizada Externamente], Rick Rusaw e Eric Swanson descrevem esse tipo de igreja como “disposta sair da rede de segurança dos bancos dos templos e cruzar as ruas, a vida real, o mundo real, com atos de serviço a fim de partilhar a verdade de Jesus Cristo”.²



Redirecionamento

O que é importante não é apenas saber como os membros são treinados para interagir com as pessoas na comunidade, mas reprogramar a mentalidade e as atitudes de alguns membros. Embora a igreja tenha sido chamada para ser separada no estilo de vida, não foi chamada a isolar-se das pessoas que busca influenciar.

Muito frequentemente, a tentativa da igreja no sentido de interagir com a comunidade é motivada apenas por uma agenda proselitista. O envolvimento com a comunidade é visto apenas como derramar nossa fé sobre outros nas ruas, sem considerar nem procurar compreender onde as pessoas estão nem quais são as questões que elas enfrentam.

Nós nos fechamos em nosso círculo cristão, orando em favor dos perdidos, mas nunca interagimos significativamente com eles. Quando conversamos com eles, direta ou indiretamente, apenas comunicamos a necessidade que eles têm de se unir a nós.

Um dos desafios que frustram a influência efetiva na comunidade é quando a igreja falha em ter uma compreensão clara de sua missão. Distribuir literatura de casa em casa ou participar de grandes eventos missionários de colheita pode ser visto por alguns como sendo evangelismo comunitário. mas até que haja ações com propósitos direcionados, a igreja deixará de causar impacto positivo. A fé cristã não

nos pede apenas que creiamos em algo; pede-nos que façamos alguma coisa com nossa fé. Assim, quando dizemos que amamos nosso próximo, como expressamos esse amor? Se dizemos que cuidamos do pobre, como manifestamos de maneira prática esse cuidado?

Não é segredo que as igrejas de hoje devem ir além de sua programação tradicional interna, se desejam alcançar os perdidos. Eric Swanson escreveu: "No mundo pós-moderno, as pessoas não se impressionam com o tamanho da igreja nem com seu compromisso com a 'verdade'... Talvez, neste século, a maior apologética para a realidade de Jesus Cristo vivendo em uma comunidade será observacional mais que proposicional.

Ter uma fé que possa ser observada é estar vivendo as verdades que desejamos que outros aceitem, e a vida do Salvador que queremos tornar conhecido de outros.”³

Quando Jesus escolheu uma passagem para descrever Sua missão e Seu ministério, Ele citou as palavras do livro de Isaias: “O Espírito do Soberano, o Senhor, está sobre Mim, porque o Senhor Me ungiu para levar boas notícias aos pobres. Enviou-Me para cuidar dos que estão com o coração quebrantado, anunciar liberdade aos cativos e libertação das trevas aos prisioneiros... para consolar todos os que andam tristes, e dar a todos os que choram em Sião uma bela coroa em vez de cinzas, o óleo da alegria em vez de pranto, e um manto de louvor em vez de espírito deprimido. Eles serão chamados carvalhos de justiça, plantio do Senhor, para manifestação da Sua glória” (Is 61:1-3).

A maneira pela qual Ele ministrou foi esta: “Aquele que é a Palavra tornou-Se carne e viveu entre nós” (Jo 1:14). Semelhantemente, o apóstolo Paulo era tão zeloso em se lembrar dos pobres quanto em “anunciar o evangelho” (Gl 2:10; Rm 1:15). O ministério efetivo sempre tem sido holístico, combinando boas obras com boas-novas (At 10:36-38).

Estratégia divina

Para que a Igreja cumpra o mandado recebido, ela necessita ganhar o favor não apenas de Deus, mas também das pessoas. “Jesus ia crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2:52).

Cristo interagiu com as pessoas, como Alguém que desejava o bem delas. Não mostrava parcialidade entre grupos de pessoas. Por exemplo, Ele entrou em contato com fariseus, publicanos, mulheres, crianças e estrangeiros. Mostrava simpatia para com as necessidades dessas pessoas, ouvindo-as e compreendendo-as, como ocorreu com a mulher samaritana junto ao poço de Jacó e com a mulher apanhada em adultério. Ambas tiveram oportunidade de ex-

pressar suas vulnerabilidades sem que fossem condenadas. Ao atender às necessidades emocionais, fosse por meio de aceitação, conforto ou encorajamento, Cristo ganhava a confiança das pessoas. Assim, elas respondiam positivamente às soluções espirituais para as necessidades apresentadas.

“A fé cristã não nos pede apenas que creiamos em algo; pede-nos que façamos alguma coisa com nossa fé”

Evangelismo

Essa abordagem foi usada com sucesso quando um grupo de membros da minha igreja sentiu que deveria criar um ministério para fornecer alimentação a viciados e moradores de rua em um vilarejo perto de nossa cidade. Cada domingo à tarde, esse grupo de umas vinte pessoas se reunia no local do vilarejo distribuindo sopa, sanduíches e pães. A consistência do grupo valeu a pena, pois seus esforços ficaram conhecidos e foram bastante apreciados.

Muitos desse grupo chegaram a conhecer pelo nome pessoas às quais atenderam. Estabelecemos amizades genuínas e as pessoas atendidas começaram a se sentir à vontade para compartilhar histórias pessoais a respeito de como terminaram nas ruas ou se tornaram viciadas. O foco desses encontros semanais mudou da provisão de comida para a segurança de um lugar em que eles podiam falar. Depois de alguns meses, as reuniões foram seguidas por um desjejum em um salão alugado, aos sábados pela manhã. Atualmente, temos um pequeno grupo composto somente por pessoas sem teto que se reúne semanalmente. Uma igreja começou a ser plantada com resultado da sabedoria de um pequeno grupo de membros buscando alcançar pessoas onde elas estão.

As possibilidades são virtualmente ilimitadas, quando a comunidade local percebe que as pessoas que vão à igreja no sábado pela manhã também têm interesse no que acontece fora dela. É altamente benéfico quando a comunidade vê que a igreja não manifesta exclusivismo, mas está aberta a todos. Abrir as portas da igreja para programas comunitários representa um elo significativo.

Trabalho à noite

A inspiradora história da Igreja Batista Hereford demonstra como uma situação sem esperança pode ser transformada em um bom e efetivo engajamento. Estabelecida em meio de uma comunidade interiorana, a igreja era velha e estava localizada junto a um edifício em que também funcionava a boate do vilarejo. Nas manhãs de domingo, as pessoas chegavam para o culto e encontravam a frente do edifício cheia de lixo, marcas de vômito e urina.

Os membros daquela igreja planejaram construir um muro que separasse os dois prédios, mas um dos membros antigos fez uma sugestão: Que fosse aberto o hall da igreja durante as noites de sexta-feira e sábado, disponibilizando aos frequentadores da casa noturna a utilização dos banheiros, e também lhes fosse oferecido algum breve seminário e café. Parte do grupo concordou, e isso foi o início da mudança.

De um pequeno início, cerca de 200 pessoas semanalmente passaram a usar os banheiros, ouvir uma palestra e tomar café. É interessante notar que foram as pessoas mais velhas que, sendo vistas como vovós e vovós não ameaçadores tiveram tempo e habilidades para fazer o trabalho. Esse grupo foi capaz de construir a ponte entre as gerações.

A história também ilustra o apetite pelo senso de família. Muitos daqueles jovens, entre 18 e 20 anos, teriam dificuldade para dialogar com os pais, ou teriam perdido o relacionamento com os avós por causa da distância.

Atualmente, a igreja está comprometida a trabalhar especificamente com os notívagos e, ao longo dos últimos Natais, tem se preocupado em oferecer a eles um serviço de músicas natalinas. Tudo isso tem se demonstrado popular e começa a ser formada uma nova congregação. A igreja começa a crescer. Porém, como pode a igreja local se tornar uma igreja voltada para a comunidade? Aqui estão alguns itens para consideração. Faz muito sentido dialogar com seus líderes, comissão, talvez com a igreja toda, sobre questões-chave como as seguintes:

1. Qual é a missão da nossa igreja?
2. Quais são nossas estratégias principais?
3. Está nosso programa equilibrado para cada estratégia? Quais são os pontos fortes, Quais são os fracos?
4. O que pode ser aperfeiçoado?
5. Se a congregação for mais antiga, qual é a razão pela qual, a seu ver, Deus permitiu que a igreja estivesse onde está por tantos anos?
6. Se a congregação for nova, qual é o motivo pelo qual você acha que Deus o colocou onde está justamente agora, em relação à sua comunidade?
7. Se a congregação deixasse de existir, a comunidade notaria?

Pesquise sua comunidade

Defina seu território. Busque estabelecer uma compreensão clara do lugar em que sua comunidade está. Um grande primeiro passo para se tornar uma igreja externamente focalizada é conhecer a comunidade que você quer ajudar e as pessoas que você necessita servir. As informações podem ajudar a direcionar os planos.

Onde é possível encontrar informações a respeito da comunidade? Um ponto inicial é obter dados estatísticos disponíveis em sites ou escritórios oficiais do governo municipal. Em algumas regiões, pode ser mais fácil pesquisar na internet e receber instantaneamente as informações. As fontes de pesquisas podem dar mais que informações populacionais e, certamente, mostrarão características sociais, econômicas, entre

outras. Você pode encontrar informações como, por exemplo: Quantas pessoas estão desempregadas, por causa de incapacidade? Quais são os maiores problemas na área da saúde? Quantos estão divorciados? Quantos vivem abaixo do nível de pobreza?

Por que tudo isso é importante? Porque, além dos números estão pessoas, famílias e vizinhos. Informações estatísticas podem ser o primeiro passo em direção a ver e conhecer as pessoas.

Identifique uma necessidade

Outro elemento-chave, depois de ter pesquisado a área, é descobrir as necessidades e questões cruciais que falam alto através dos dados obtidos. Então, comece a tratar de uma necessidade. Faça alguma coisa nova, mesmo que seja pequena, com os recursos disponíveis.

Assisti a um encontro de líderes no qual se discutia esse assunto, quando um pastor perguntou: “Qual deve ser o porte da igreja, antes que possa efetivamente engajar-se na comunidade?” Podemos assumir que isso deve requerer mais pessoas do que temos à disposição. Porém, para se engajar efetivamente com as famílias em sua comunidade, você não tem que ter nada maior que uma família.

Essa questão deve ser substituída por outra, ou seja: Qual deve ser o impacto que você tem de exercer na comunidade? Qualquer outra medida é interessante, mas não relevante. Recusemos ser impressionados apenas pelos números.

Uma igreja de doze adultos queria interagir em sua comunidade, mas estava insegura sobre definir onde começar. Enquanto consideravam as opiniões, um dos líderes leu no jornal local que havia uma real necessidade de pais adotivos. Ele levou a informação aos demais membros e perguntou se alguém poderia colocar-se à disposição. Surpreendentemente seis pessoas da congregação concordaram e, em pouco tempo, a igreja se tornou conhecida como a igreja adotiva.

Tamanho não é o problema. Prontidão, sim. Pessoas de fora da igreja são menos prováveis de ser atraídas para os cultos, mas serão mais responsáveis ao serviço da igreja.

Atenda às necessidades

Quando uma calamidade atingiu a cidade, as necessidades ficaram evidentes para a igreja local. O pastor acolhedor abriu as portas de suas igrejas para abrigar e atender as pessoas. Ele ofereceu aconselhamento e ouviu cada necessitado. Um mês depois, sua igreja liderou uma grande campanha de oração em favor das pessoas que tiveram casas destruídas e vidas dilaceradas. É desnecessário dizer que sua iniciativa obteve extraordinário apoio comunitário.

Outro pastor na Inglaterra, preocupado com os níveis de comportamento antissocial em sua comunidade, tomou a iniciativa, junto à congregação, para formar equipes de “pastores das ruas”. Cada sábado à noite, as equipes trajando blusões com a inscrição “pastores das ruas” saíam em grupos de dois, interagindo com jovens, dialogando e ouvindo. As equipes, que receberam grande reconhecimento da polícia local, têm continuado seu trabalho de atendimento às necessidades das pessoas, orando com elas e ajudando-as na solução dos problemas. A igreja se tornou conhecida na comunidade como “a igreja do povo”.

Se todas as nossas igrejas fossem vistas dessa maneira, teríamos cumprido nossa missão divina para a comunidade. A igreja local tem a responsabilidade de ser uma bênção para a comunidade ou região na qual está presente. ▀

Referências

- ¹ Ellen G. White, *Historical Sketches of the Foreing Missions of the Seventh-day Adventists* (Basle: Imprimerie Polyglote, 1886), p. 291.
- ² Rick Rusaw e Eric Swansom, *The Externally Focused Church* (Loveland, CO: Group Publishing, 2004), p. 12.
- ³ Eric Swansom, “Ten Paradigm Shifts Toward Community Transformation”, www.missionamerica.org/Brix?pageID=13539, acessado em 17/07/2013.

ESPECIAL

Gary Krause



Diretor de Missão
Adventista, na Associação
Geral da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Nas pegadas do Mestre

*Há muitos métodos criativos para
executar a missão urbana. Apenas um
tem sucesso garantido*

Montagem sobre fotos de © Oly e Giuseppe Porzani | Fotolia

Poucos anos atrás, um jovem pioneiro em Missão Global me ensinou algumas lições a respeito de missão. Budiman Soreng e família se mudaram para viver entre as pessoas que eles evangelizariam. Plantar igrejas é sempre um trabalho árduo, mas quando Budiman chegou ao local designado, havia sangrenta luta tribal nas ruas, com decapitações e canibalismo.

Tempos depois, visitei aquele lugar. Nessa época, Budiman havia estabelecido três congregações. Perguntei a ele como havia conseguido isso. Ele sorriu e me disse que não iniciou pregando para as pessoas. Primeiramente, orou: “Senhor, prioriza o trabalho em meu coração, então poderei trabalhar com as pessoas. Ajuda-me a dizer o que Jesus diria.” Então, estudou a situação – local e pessoas. Queria entender a cultura delas. Começou a fazer amizade com animistas, islâmicos, budistas e cristãos. Jogou futebol, fez caminhadas e trabalhou com eles nos campos de arroz.

Budiman logo começou a visitar os lares, abrindo a Bíblia e compartilhando a mensagem no dialeto local. No último relatório enviado, anos atrás, mais de duzentas pessoas haviam sido batizadas. Com o trabalho de outros quatro obreiros, cinco novas áreas foram abertas.

A chave para alcançar sucesso, segundo Budiman, é a humildade. Ele me disse algo de que jamais esquecerei: “Aqui, temos uma expressão – ‘é preciso pisar o terreno’. Significa vir aqui e se identificar com o povo daqui.” Isso era uma das melhores descrições de método encarnacional que já ouvi.

O grande desafio da missão em áreas urbanas, em rápido crescimento, é assustador. Somos como Davi enfrentando multidões de Golias. Como podemos melhor utilizar nossos recursos limitados para alcançar essas pessoas? Que metodologias devemos tentar? Como envolver os diferentes grupos de pessoas, culturas, crenças religiosas e não-religiosas?

Budiman nos faz lembrar dos princípios fundamentais para a mis-

são. Como discípulos de Jesus não podemos nos contentar somente com um controle remoto, operando à distância, realizando uma obra rápida. Devemos orar, ser humildes e analisar as necessidades. Acima de tudo, devemos pisar o terreno.

“Negligencie misturar-se com as pessoas, e neutralizaremos nossa influência, perderemos a credibilidade e falharemos em ser verdadeiros discípulos”

Método de Cristo

Logicamente, Budiman estava seguindo exatamente o exemplo de Jesus, que não Se contentou em permanecer no Céu e ministrar à distância. Ele desceu e “pisou o terreno deste mundo”. Tornou-Se um conosco. Fixou Sua morada entre nós. Bebeu a mesma água e comeu o mesmo alimento. Quebrou barreiras sociais, culturais e religiosas entre Ele e nós (Ef 2).

Ellen G. White resumiu de maneira fantástica o método de Cristo, o qual afirmava ser o único que “trará verdadeiro sucesso”. De acordo com ela, o Salvador:

- ▣ Misturava-Se com as pessoas, desejando-lhes seu bem.
- ▣ Demonstrava simpatia.
- ▣ Ministrava suas necessidades.
- ▣ Ganhava confiança.
- ▣ Convidava-as a segui-Lo.¹

Ela visualizou centros de evangelismo, os quais chamou de centros de influência, sendo estabelecidos em cada cidade ao redor do mundo.² Esses centros devem motivar os membros a deixar os bancos da igreja e se envolver em suas comunidades. Devem estar totalmente fundamentados no modelo do ministério de Jesus.

Segundo Ellen G. White, os centros de influência incluem restaurantes vegetarianos, tratamentos naturais, cursos sobre hábitos saudáveis,

pequenos grupos, literatura e evangelismo público a fim de conectar-se à comunidade.³

Ela elogiou o trabalho da igreja principiante, em San Francisco, Califórnia, a qual chamou de “colmeia”. Os membros visitaram “os doentes e necessitados”; procuraram lares para os órfãos e empregos para os desempregados; visitaram de casa em casa, ministraram classes sobre vida saudável e distribuíram literatura. Eles começaram uma escola para crianças no coração da Laguna Street, e sustentavam uma missão médica e um ministério “que cuidava de idosos em seus lares”.

Bem ao lado da prefeitura, mantinham salas de tratamento natural – início do que hoje é o Hospital de Santa Helena. No mesmo local, havia uma loja de produtos naturais. No centro da cidade, tinham um restaurante vegetariano que servia refeições seis dias na semana. Na baía de São Francisco, eles ensinavam a Bíblia para os marinheiros, à beira-mar. E, como se não já tivessem o suficiente para fazer, também promoviam seminários nas prefeituras.⁴ Misturavam-se, demonstravam simpatia, ganhavam a confiança; então, convidavam as pessoas para que seguissem a Jesus.

Nossa missão “urbana” não pode focalizar somente a tentativa de atrair pessoas, como um ímã espiritual, das ruas para nossas igrejas. Evidentemente, nossos templos devem ser atrativos e amigáveis, oferecer boa música e pregações cativantes; ter programas e atividades interessantes. Porém, o principal objetivo da igreja deve ser inspirar, treinar e motivar os membros a “sair dos bancos” para interagir com a comunidade.

Todavia, nossa ênfase frequentemente tem se voltado para “dentro”. Assim, outros têm passado à nossa frente. Michael Baer escreveu: “Certa vez, perguntei a uma cristã na Indonésia por que seu país havia se tornado predominantemente muçulmano... Ela me respondeu que quando os cristãos vieram do Ocidente... construíram complexos missionários, igrejas, e esperavam

que o povo indonésio viesse. Os muçulmanos, ao contrário, chegaram como comerciantes, fazendeiros, negociantes, e simplesmente viveram entre os nativos. Hoje, a Indonésia é o país mais muçulmano do mundo. Então, ponderei quão diferente poderia ter sido!”⁵

Bem, de qualquer maneira, nós também somos uma igreja. Cada item do método de Jesus é vital. Deixe de convidar pessoas a segui-Lo, e teremos um curto-circuito em nosso ministério. Negligencie misturar-se com as pessoas, simpatizar com elas, ministrar suas necessidades, ganhar a confiança delas, e neutralizaremos nossa eficiência, perderemos a credibilidade e falharemos em ser verdadeiros discípulos.

“O principal objetivo da igreja deve ser inspirar, treinar e motivar os membros a ‘sair dos bancos’ para interagir com a comunidade”

Igreja ou instituição social?

Ao longo das últimas décadas, a maioria dos australianos – religiosos ou não – tem observado o Exército da Salvação, uma das instituições mais conhecidas e amadas no país. Quando eu era criança, lembro-me de ter ido algumas vezes pedir donativos de porta em porta para a campanha anual dessa instituição. Era uma tarefa fácil, e não me lembro de nenhuma resposta negativa ou porta se fechar.

Essa igreja é reconhecida mundialmente pelo trabalho em favor dos pobres e necessitados. “Na Austrália, ela ocupa uma posição sem precedentes em termos de aceitação pública e popularidade para uma igreja cristã”, segundo o major Gregory Morgan.⁶ Entretanto, o desafio para essa igreja é ser reconhecida como “Igreja”, e não somente como instituição social. Uma igreja que deseja

avidamente reverter o declínio do número de membros.

Morgan comenta: “Todos nos amam, porém cada vez menos são os que desejam se unir a nós.”⁷ E acrescenta: “Alguns temem que o lado evangelístico da missão se perderá, que o Exército da Salvação irá pelo mesmo caminho de outras veneráveis organizações filantrópicas, inicialmente estabelecidas sob uma missão espiritual, mas que se perderam no objetivo evangelístico.”⁸

Por que tem sido desafiador para eles construir a ponte do cuidado social para o banco da igreja? Por vezes, o Exército da Salvação parece trabalhar mais “para” a comunidade do que “com” a comunidade. É difícil conseguir que alguém venha e sente do seu lado no banco, se ele sente que você somente o enxerga como uma questão de caridade.

Nossa missão urbana precisa ser de convivência, encarnacional e de conhecimento do “solo” no qual trabalhamos. Onde for possível, devemos nos unir a organizações sociais, programas e atividades. A Igreja Adventista não foi chamada para ser apenas mais uma instituição social. A moldura e motivação espiritual para o ministério deve destacar cada coisa que fazemos – cada prato de sopa compartilhado, cada seminário ministrado, cada refeição servida. Obviamente é errado insinuar que alguém aceita nossa mensagem antes que dispensemos a ele o cuidado físico. Nosso trabalho comunitário não nos obriga a separar ação social do testemunho cristão.

Não devemos nos contentar apenas em nos misturar com eles, demonstrar-lhes simpatia, cuidar de suas necessidades e ganhar sua confiança. Precisamos orar para que o Espírito Santo nos dirija na etapa final – levar pessoas a Cristo. Isso não é algum tipo de construção artificial que colocamos no topo de qualquer coisa; é procedimento do método de Jesus.

Para muitos pós-modernos e seguidores de outras religiões no mundo, a ideia de adentrar as portas de

uma igreja cristã é um tremendo obstáculo. Então, vamos encontrá-los em seu contexto. Os pequenos grupos podem se reunir nos lares, lugares públicos e centros de influência. Mas, e se alguém não aceitar Jesus? Vamos desistir dele ou mudar para um “campo mais promissor”? Certamente, não. Usamos o método de Jesus porque ele usou. Nossa missão não deve ser condicional às pessoas aceitarem Cristo. Quando elas rejeitam o convite de Jesus, Ele não as descarta. Continua amando-as.

O Dr. David Paulson que, junto ao Dr. John Harvey Kellogg ajudou a criar o conceito adventista holístico da missão urbana nos anos 1800, escreveu: “O homem que se interessa apenas por aqueles que ele imagina que se tornarão membros da igreja em resultado de seu trabalho, encontrará cada vez menos oportunidades para sua obra missionária; porque ele gradualmente desenvolver nos outros um espírito de desconfiança e suspeita, o qual fecha cada vez mais as portas contra ele. Por outro lado, o obreiro que sente as necessidades da humanidade no coração tentará ajudar os “nove leprosos”, mesmo que suponha pessoalmente que eles não frequentarão sua igreja.”⁹

O desafio da missão urbana não desapareceu, nem diminuiu. Hoje, podem existir muitos métodos novos e criativos para a missão urbana. Porém, se queremos obter sucesso, eles devem estar fundamentados unicamente no método de Cristo.

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143.
- ² _____, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 7, p. 115.
- ³ O Departamento de Missão Adventista está trabalhando para resgatar o conceito de Ellen G. White sobre os centros de influência. Visite www.lifehopecenters.org ou www.AdventistMission.org.
- ⁴ *Advent Review and Sabbath Herald*, 05/07/1906, p. 8.
- ⁵ Michael Baer, *Business as Mission* (YWAM Publishing, 01/09/2006), p. 81.
- ⁶ Ver <http://www.armybarmy.com/JAC/article3-41.html>, acessado em 03/11/2012.
- ⁷ *Ibid.*
- ⁸ *Ibid.*
- ⁹ David Paulson, *Advent Review and Sabbath Herald*, 05/11/1901, p. 5.

HOMENAGEM

A Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana cumprimenta com profundo sentimento de gratidão e reconhecimento pela dedicação os pastores jubilados em 2013. Os frutos de seu ministério continuarão se multiplicando e serão vistos em sua verdadeira amplitude, quando o Supremo Pastor saudá-los na eternidade: "Bem está, servo bom e fiel... Entra no gozo do teu Senhor!"



HAROLDO ADASZ – Nascido em Mogi das Cruzes, SP, iniciou a carreira pastoral, em 1978, depois de concluir o curso teológico, no IAE. O mestrado em Religião foi concluído em 2002. Do casamento em 1979 com Maria Joana de Moura, nasceram os filhos Jabes Miguel (1980) e Herald Joseph (1985). O pastor Adasz foi ordenado em 1984 e desempenhou seu ministério pastoreando igrejas nas Associações Paulista Leste e Paulista Central onde foi jubilado.



JOSÉ SÍLVIO FERREIRA – O pastor José Sílvio Ferreira exerceu o ministério durante 37 anos, tendo concluído o preparo teológico em 1973 e obtido o mestrado em Teologia Pastoral em 1984. Também cursou o doutorado em Teologia pelo Salt/Unasp. Natural de Lavras, MG, pastoreou igrejas e liderou departamentos (Evangelismo, Jovens), tendo sido também secretário ministerial nas Associações Brasil Central, Mineira Central, Espírito-Santense, Norte e Sul-Paranaense, Rio de Janeiro, Paulistana e também na atual União Sudeste Brasileira. É autor do livro *Cristo, Nossa Salvação*. Do casamento com Ellen Ferreira, filha de pastor, psicóloga, obreira há quase 40 anos, nasceram os filhos Marlon, Malton e Marden.



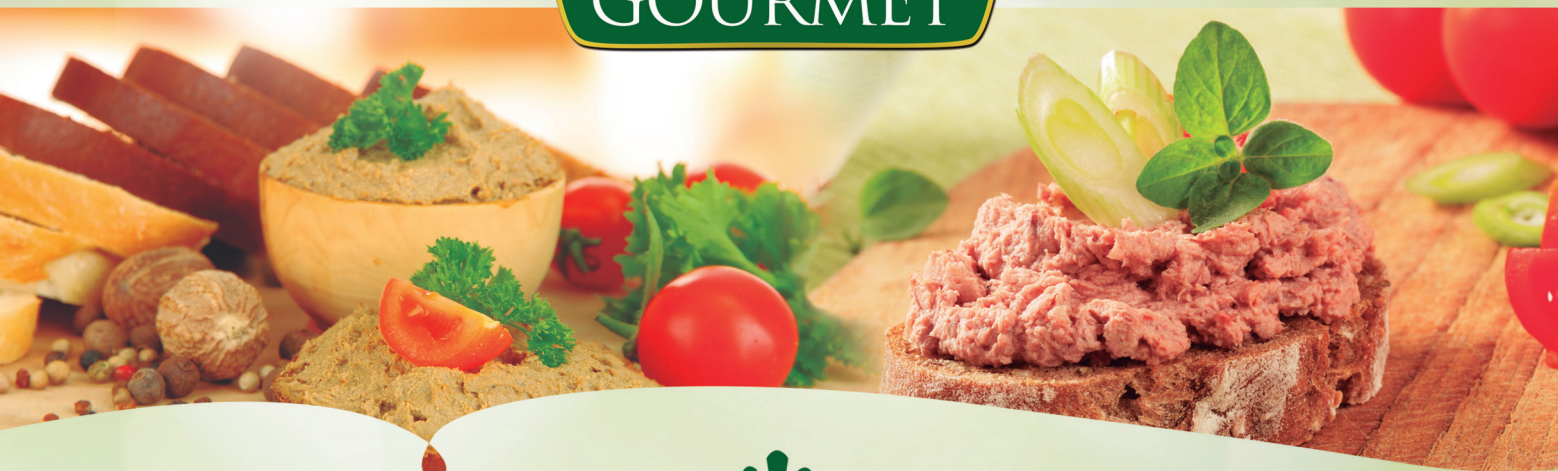
MANOEL PEREIRA DE ANDRADE – O pastor Manoel Andrade nasceu na cidade de Itambé, BA, e conheceu a mensagem adventista no Rio de Janeiro. Cursou Teologia no ENA e iniciou seu ministério em 1977. Trabalhou durante 37 anos pastoreando igrejas nas Associações Rio de Janeiro e Paulista Leste, onde também foi secretário ministerial e secretário. Menderson, Elaine e Milton (baixo do quarteto Arautos do Rei), que lhe deram seis netos, são frutos de sua união matrimonial com Eulália Mendes de Andrade.



NEWTON BRITO DE OLIVEIRA – Paraense, nascido em Belém, o pastor Newton iniciou seus estudos teológicos no IAE e os concluiu no ENA, em 1978. No ano seguinte, iniciou sua carreira pastoral na União Norte-Brasileira, como pastor de igrejas, diretor de departamentos, evangelista da própria União e presidente da Associação Central-Amazonas. Transferido para o território da União Centro-Oeste foi capelão do IABC, pastor de igrejas em Goiânia e em Brasília. O pastor Newton e sua esposa, Neuza Kiister Bohry, foram agraciados com duas filhas: Simone (psicóloga) e Silaine (jornalista).



REGINALDO KEFLER – Nasceu em Aimorés, MG, e se formou em Teologia no IAE, em 1976. Casado com Ana Maria Calcidoni Kefler, também formada em Teologia e Psicologia, é pai de três filhas: Regiane (médica), Lilliane (advogada) e Cristiane (médica). Seu currículo ministerial inclui a obra bíblica, pastorado de igrejas no estado de São Paulo e Paraná, bem como evangelista na Associação Paulista-Oeste e na União Sul-Brasileira. Ingressa na fase de jubilação, como pastor da igreja central de Piracicaba, SP.



CHEGARAM OS PATÊS VEGETARIANOS SUPERBOM GOURMET



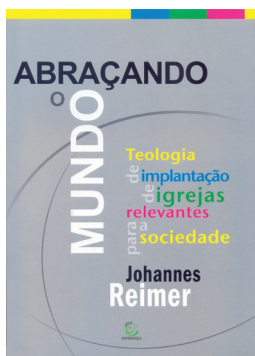
*Sem glúten ★ Sem lactose ★ Sem colesterol ★ Não resfriado
Orgânico ★ Auxilia no emagrecimento ★ 50 calorias por porção*

Desde a busca pela melhor matéria-prima até o produto chegar à sua mesa, tudo é pensado e analisado, porque para a Superbom você merece o melhor!



ABRAÇANDO O MUNDO

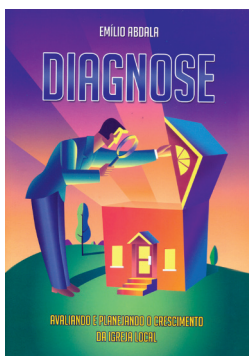
Johannes Reimer, Editora Evangélica Esperança, Curitiba, PR, tel.: (41) 3022-3390; e-mail: comercial@esperanca-editora.com.br, 358 páginas.



Este livro empenha-se em favor de uma igreja que se compreende como igreja missionária, assumindo a tarefa missionária de Deus. Uma igreja que compreende os propósitos de Deus com este mundo e com as pessoas deste mundo, e que tenta colocá-los em prática. Uma igreja assim só pode ser pensada e construída de forma cultural e socialmente relevante, especialmente no contexto da “multiculturalidade da sociedade ocidental”.

DIAGNOSE: AVALIANDO E PLANEJANDO O CRESCIMENTO DA IGREJA LOCAL

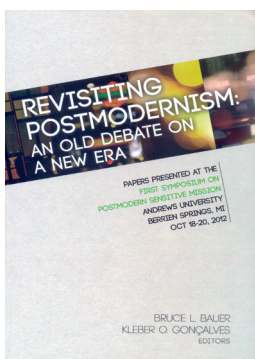
Emílio Abdala, União Central Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Artur Nogueira, SP, tel. (19) 3877-9000, www.missaourbana.org, 112 páginas.



Estão os membros da sua igreja cumprindo suas funções? Os sinais vitais da igreja estão em boa forma? Foram corretamente diagnosticados todos os sintomas das doenças causadoras do declínio do número de membros da igreja? Uma vez diagnosticadas, essas doenças foram tratadas? Este material ajuda a formular perguntas relevantes sobre sua igreja e ajuda a entender as razões pelas quais ela cresce ou declina. É assim que você encontrará o caminho para se tornar melhor líder e promotor do crescimento da igreja.

REVISITING POSTMODERNISM: AN OLD DEBATE ON A NEW ERA

Bruce L. Bauer e Kleber O. Gonçalves (editores), Departamento de Missões Mundiais da Universidade Andrews, Berrien Springs, MI, Estados Unidos, e-mail mssn@andrews.edu, 396 páginas.



O significado dos desafios missionários adventistas do sétimo dia na cultura pós-moderna não pode ser subestimado. Fruto de um simpósio realizado na Universidade Andrews, em 2012, este livro representa um notável acréscimo à vastidão de recursos produzidos com o propósito de auxiliar líderes e pastores no enfrentamento de tais desafios. Para os que têm familiaridade com o idioma inglês, sua leitura fornecerá subsídios aplicáveis na orientação e liderança de uma igreja mais relevante e contextualizada em sua missão.

PROGRAMA DA IGREJA

COMUNICAÇÃO - DIVISÃO SUL-AMERICANA

13-22 **FEV**

10 DIAS DE ORAÇÃO,
CONCLUINDO COM AS 10 HORAS
DE JEJUM E ORAÇÃO, NA IGREJA,
NO DIA 22/2

12 **ABR**

DIA DOS AMIGOS DA ESPERANÇA

13-20 **ABR**

SEMANA SANTA
INICIANDO NOS PEQUENOS GRUPOS
E TERMINANDO NA IGREJA

19-20 **ABR**

BATISMO DAS PRIMÍCIAS

31 **MAI**

IMPACTO ESPERANÇA
ENTREGANDO O LIVRO A ÚNICA ESPERANÇA

O GRANDE DIA DA MULTIPLICAÇÃO
DOS PEQUENOS GRUPOS

9 **AGO**

BATISMO DA PRIMAVERA

20-27 **SET**

EVANGELISMO DE COLHEITA
EM ESPANHOL

15-22 **NOV**

EVANGELISMO DE COLHEITA
EM PORTUGUÊS

22-29 **NOV**

A ÚNICA ESPERANÇA

EVANGELISMO DA AMIZADE
COMUNHÃO-RELACIONAMENTO-MISSÃO





Carlos Hein

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

A força da amizade

Perguntas feitas por Ken McFarland, nos anos 80,¹ continuam intactas e ainda mais atuais, nesta era das comunicações: Onde andavam os órgãos televisivos de notícias, quando Jesus pregou o Sermão da Montanha? Por que a ressurreição de Lázaro não foi transmitida via satélite para o mundo? Por que os milagres de Jesus não foram gravados nem distribuídos em DVDs?

Ao analisarmos rápida e superficialmente o ministério de Cristo, talvez tenhamos a impressão de que Ele não obteve grande sucesso evangelístico. McFarland continua perguntando: Se alguém dispõe de apenas pouco mais de três anos para alcançar todo o mundo, não devia fazer todo o possível para conquistar o maior número de pessoas? Acaso Deus não poderia ter permitido o desenvolvimento da tecnologia, alguns séculos antes, para que Sua missão fosse conhecida por meio de modernos veículos de comunicação? Não teria desperdiçado Jesus cerca de três décadas trabalhando em uma carpintaria anônima, ou falando a uma só pessoa, enquanto o mundo esperava em agonia de morte?

Mesmo que essas perguntas pareçam lógicas, estou certo de que a maneira pela qual Cristo trabalhou para conquistar o

mundo continua sendo a melhor. Deus nunca estabelece alvos limitados. Disse o Mestre: “Este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo” (Mt 24:14).

Não me entendam mal. Os alvos da igreja, o evangelismo via satélite, as campanhas de evangelismo público, a rede de televisão e outros meios são dignos de elogios. Porém, creio honestamente que podemos aprender muito sobre o método utilizado por Cristo para conquistar pessoas. “O Senhor deseja que Sua Palavra de misericórdia seja levada a toda pessoa. Isso deve ocorrer principalmente pelo serviço pessoal. Esse foi o método de Cristo. Sua obra consistia grandemente em entrevistas pessoais. Tinha fiel consideração pelo auditório de uma só pessoa. Por esse único ouvinte, a mensagem, muitas vezes, era proclamada a milhares” (Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 229).

“É através de associação e contato pessoal que os homens são alcançados pelo poder salvador do evangelho. Eles não são salvos como massas, mas como indivíduos” (Ellen G. White, *Exaltai-O* [MM 1992], p. 287).

Mesmo tendo Se dedicado por três anos e meio trabalhando em favor de doze homens, no momento mais crítico de Seu ministério terrestre, um deles O traiu, outro O negou, ainda outro O seguiu de longe e os demais fugiram pensando em salvar a própria vida. Apesar disso, quando o evangelho começou a arder no coração deles, produziu-se uma explosão que abalou o mundo inteiro.

De acordo com McFarland, “o Salvador conhecia o assombroso potencial de apenas um bom cristão de cuja vida o amor transborda. Ele sabia que, para originar uma reação em cadeia de estupendas dimensões, era desnecessária grande quantidade de matéria-prima. Sabia que, ao fazer um trabalho completo e cuidadoso com poucos indivíduos escolhidos, as multidões que esperavam logo também ouviriam o evangelho”. E Ellen G. White escreveu: “O êxito não depende da força nem dos números. Deus pode libertar com poucos ou com muitos. Uma igreja grande não é necessariamente uma igreja forte... Deus

É através da associação e contato pessoal que os homens são alcançados pelo poder salvador

Se sente honrado, não tanto pelo grande número dos que O servem, mas pelo caráter que têm” (*Signs of the Times*, 30/06/1881).

Neste ano, a Igreja Adventista na América do Sul deseja reforçar o evangelismo da amizade, o evangelismo que tem pontes firmemente cimentadas no amor por Jesus. Convido você, caríssimo pastor, a somar esforços junto aos membros de suas igrejas em favor desse projeto. O impacto exercido no mundo por 17 milhões de membros meio convertidos e consagrados não é comparável ao impacto causado por uma dezena de seguidores de Cristo, completamente comprometidos e cheios do Espírito Santo! ▀

Referências

¹ Ken McFarland, *Puente Hacia la Isla Rebelde* (Buenos Aires: Aces, 1986)

COMPARTILHE COM SEUS AMIGOS, O AMOR DEMONSTRADO NA CRUZ

SEMANA SANTA

Mari Baroni / Imagem: Fotolia



/casapublicadora

Ligue:
0800-9790606*

Acesse:
www.cpb.com.br



*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 8h às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.